

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA LÚCIA DO ROSÁRIO SANTOS

**O ESPAÇO URBANO EM POÇO VERDE/SE, UMA REFLEXÃO
A PARTIR DO ESTUDO MORFOLÓGICO.**

LARANJEIRAS/SE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA LÚCIA DO ROSÁRIO SANTOS

**O ESPAÇO URBANO EM POÇO VERDE/SE, UMA REFLEXÃO
A PARTIR DO ESTUDO MORFOLÓGICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Sergipe, como requisito para obtenção do
título de Bacharela em Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Rozana Rivas de Araújo e coorientação
Prof.^a Dr.^a Sarah Lúcia Alves França.

LARANJEIRAS/SE

2021

ANA LÚCIA DO ROSÁRIO SANTOS

**O ESPAÇO URBANO EM POÇO VERDE/SE, UMA REFLEXÃO
A PARTIR DO ESTUDO MORFOLÓGICO.**

Trabalho Final de Graduação apresentado em 20 de Dezembro de 2021 a seguinte
banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rozana Rivas de Araújo

Orientadora | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dr.^a Sarah Lúcia Alves França

Coorientadora | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a M.a. Lina Martins de Carvalho

Examinadora interna | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Arq. Dr.^a Barbara Heliodora Alves d'Acampora

Examinadora externa | Arquiteta e Urbanista

LARANJEIRAS/SE

2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo dom da vida, por abençoar meu caminho, me dando forças e sabedoria para seguir em frente.

Agradeço a minha mãe Maria das Dores do Rosário, pelo apoio incondicional, por acreditar no meu sonho e me motivar ao longo de toda jornada, me dando amor e carinho nos momentos que mais precisava. Ao meu pai João Batista, por ser exemplo de força, coragem e honestidade. Obrigada por todo apoio durante a graduação e pelas memórias compartilhadas para escrita deste trabalho. Tudo que consegui, só foi possível por que vocês estiveram ao meu lado, ultrapassando os obstáculos e compartilhando as alegrias.

Aos meus irmãos Cleciana Rosário e Clécio Martinho, por serem presenças constantes, obrigada por toda atenção e carinho, sempre me confortando nos momentos mais difíceis. Amo vocês!!

Aos meus cunhados Leonel Salustiano e Regina França, por todo apoio, carinho, e por estarem sempre dispostos a ajudar.

Agradeço a minha coorientadora Prof.^a Dr.^a Sarah França, pela paciência, conselhos, e por me impulsionar na fase inicial deste trabalho, sempre acreditando no meu potencial. A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Rozana Rivas, agradeço pela confiança, paciência e por compartilhar seus conhecimentos durante este trabalho.

Aos meus amigos (as) por terem tornado essa caminhada mais prazerosa! Em especial, as minhas colegas da residência universitária, as quais pude dividir grandes momentos, durante a trajetória acadêmica. Torço pelo sucesso de vocês!

Agradeço a Universidade Federal de Sergipe (UFS), pelos conhecimentos proporcionados, e pela assistência estudantil, durante toda a graduação. Este apoio foi fundamental, para minha formação!

Por fim, agradeço a Prof. Lourinaldo Lisboa, pela disponibilidade para colaborar neste trabalho, compartilhando seus arquivos digitais e suas memórias vividas na cidade de Poço Verde/SE. Os agradecimentos se estendem a todos que compõem a Secretaria de Urbanismo do Município de Poço-Verde/SE, por compartilhar dados históricos, afim de enriquecer esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a morfologia urbana da cidade de Poço Verde/SE. Tem como objetivos específicos: compreender as teorias que embasam o estudo da morfologia urbana; compreender as características históricas, regional e urbana de Poço Verde/SE; identificar a localização da atuação dos agentes produtores do espaço urbano na malha urbana do município; identificar os períodos e os tipos morfológicos e identificar o conjunto de elementos que combinados configuram o desenho da cidade. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada foi constituída pelas seguintes etapas: A compreensão sobre teorias que embasam o estudo da morfologia, através das pesquisas bibliográficas; A compreensão sobre as características regional, histórica e urbana do município, através de pesquisas em órgãos públicos e levantamentos sobre o município; Identificação das ações dos produtores do espaço, através de pesquisas realizadas na Prefeitura Municipal, (baseando-se em Corrêa, 2004); Análise dos períodos morfológicos, e os tipos morfológicos, através da leitura do espaço urbano, baseando-se respectivamente em estudos produzidos por M.R.G Conzen (1960) e Aldo Rossi (1964); Identificação dos elementos morfológicos (baseando-se em estudos produzidos por José Manuel Lamas (2017), através do livro “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”). E por último, foram apresentadas as considerações alcançadas diante dos estudos realizados na cidade de Poço Verde/SE.

Palavras Chaves: Poço Verde/SE; Produção do Espaço Urbano; Morfologia Urbana.

ABSTRACT

This work aims to analyze the urban morphology of the city of Poço Verde/SE. Its has as specific objectives: to understand the theories that support the study of urban morphology; understand the historical, regional and urban characteristics of Poço Verde/SE; to identify the location of the performance of agents producers of urban space in the urban network of the municipality; to identify the periods and morphological types and identify the set of elements that combined configure the design of the city. To achieve the proposed objectives, the methodology used consisted of the following steps: the Understanding about theories that support the study of morphology, through bibliographical research; Understanding about the regional, historical and urban characteristics of the city, through research in public agencies and surveys about the city; Identification of the actions of the producers, of the space, through researches at the City Hall (based on Corrêa, 2004); Analysis of morphological periods, and morphological types (based respectively on studies produced by M.R.G. Conzen (1960) and Aldo Rossi (1964); Identification of morphological elements (based on studies produced by José Manuel Lamas (2017), through of the book “Urban Morphology and Design of the City”.) And finally, the considerations reached in view of the studies carried out in the city of Poço Verde/SE were presented.

Key Words: Poço Verde/SE; Urban Space Production; Urban Morphology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Esquema: agentes produtores do espaço.....	16
Figura 02 - As transformações temporais da cidade de Ouro Preto.....	23
Figura 03 - Os elementos do tecido urbano.....	25
Figura 04 - Localização do município e delimitação da sede.....	31
Figura 05 - Mapa dos territórios Sergipanos, Poço Verde no contexto regional.....	32
Figura 06 - Mapa do Município de Poço Verde com povoados e municípios vizinhos.....	34
Figura 07 - Valor Adicionado Bruto e Composição – Sergipe – 2018.....	35
Figura 08 - Linha do tempo.....	37
Figura 09 - Recorte da região onde foi construída a primeira capela.....	38
Figura 10 - Esquema dos agentes produtores/modeladores do espaço urbano em Poço verde/SE.....	41
Figura 11 - Períodos morfológicos.....	44
Figura 12 - Recorte do Bairro Santa Cruz.....	45
Figura 13 - Recorte do Bairro Nação.....	46
Figura 14 - Recorte da malha urbana na área do Conjunto habitacional João Emídio dos Santos.....	47
Figura 15 - Recorte da malha urbana na área do Conjunto Habitacional Silvino Augusto.....	47
Figura 16 - Mapa com recortes das áreas escolhidas para o estudo tipológico construtivo.....	48
Figura 17 - Mapa de uso do solo.....	54
Figura 18 - Mapa Nolli ou figura fundo.....	56
Figura 19 - Vista Aérea de Poço Verde/SE.....	57
Figura 20 - Elemento Morfológico (O Solo)	58

Figura 21 - Lotes e quarteirões.....	60
Figura 22 - Fachada.....	62
Figura 23 - Logradouro.....	63
Figura 24 - O traçado e a rua.....	64
Figura 25 - As praças.....	65
Figura 26 - O Monumento (Estátua de São Sebastião)	66
Figura 27 - A Vegetação.....	67
Figura 28 - Mobiliário urbano.....	68

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - População Urbana X População Rural.....	33
Quadro 2 - População e número de domicílios no município.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A PRODUÇÃO DA CIDADE: PROCESSOS, AGENTES E FORMA URBANA	14
1.1 A cidade enquanto espaço de produção social	14
1.2 Morfologia Urbana como campo de análise da produção da cidade: conceitos, escolas e teorias	20
1.2.1 Escolas Tradicionais da morfologia urbana.....	21
1.2.2 Formas Urbanas.....	26
1.2.3 Forma, contexto, função	27
1.2.4 Elementos da morfologia urbana.....	28
2. DESVENDANDO POÇO VERDE/SE: CONTEXTUALIZAÇÃO SOB OLHAR DAS DIMENSÕES E ESCALAS	30
2.1 Entendendo dimensões espaciais: Poço Verde/SE no contexto regional.	31
2.2 Entendendo dimensão temporal: a história da formação espacial de Poço Verde/SE.....	36
2.3 Entendendo a escala urbana: a sede de Poço Verde/SE e a atuação dos seus agentes.....	37
3. ANÁLISE MORFOLÓGICA DE POÇO VERDE/SE	43
3.1 Os períodos morfológicos.....	44
3.2 Os tipos morfológicos	48
3.3 Os elementos morfológicos	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado nesse Trabalho de Conclusão é morfologia urbana, a partir do estudo morfológico na Cidade de Poço Verde/SE. A escolha do tema se originou a partir de inquietações presentes no modo como vem crescendo a área urbana da cidade, embora pequena, mas já com vazios urbanos. Assim faz-se relevante este trabalho, diante das particularidades presentes na sua configuração atual, entre outras, por se tratar de uma cidade de pequeno porte, localizada na divisa entre dois estados - Sergipe e Bahia - e, que se conformou, assim como a maioria das cidades, a partir de modificações cumulativas engendradas ao longo do tempo.

A “planta da cidade é o resultado de sua história” (MERLIN, 1988, apud BEAUJEU-GARNIER, 1997, p.98), ou seja, como já destacou Capel (2002), a análise não pode se limitar apenas ao tecido urbano. Dessa maneira, a descrição e compreensão das formas abrem caminho para o aprofundamento da análise, permitindo progredir em direção ao exame da morfologia urbana, além do estudo da atuação dos agentes formadores da forma.

Assim, para se compreender esse conjunto de aspectos que caracterizam um determinado espaço urbano, faz-se necessário levantar considerações sobre a trajetória histórica que fundamentou a produção do espaço urbano, pois enquanto processo, a construção da cidade é fruto de ações no decorrer do tempo. Nesse ponto, relevante considerar que CAPEL (2002) aponta que essa análise deve ser considerada a partir das dimensões histórica e espacial, em função da relação existente entre forma, função, estrutura e processo. Diante disso, entende-se a morfologia urbana como um possível caminho para se integrar forma e conteúdo.

A reflexão e investigação sobre a forma urbana, a análise do desenho urbano denota as características morfológicas presentes no espaço urbano e sua forma de ocupação do território. Segundo Conzen (2004), a morfologia urbana é o estudo da forma edificada das cidades, cujo estudo busca explicar o traçado e a composição espacial de estruturas urbanas e espaços abertos, de caráter material e significado simbólico, à luz das forças que as criaram, expandiram, diversificaram e as transformaram.

Em concordância com Conzen, Lamas (2017) afirma que a morfologia urbana é a ciência que estuda a forma física das cidades, os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações, definindo e explicando a paisagem urbana e sua estrutura.

Nessa linha teórica, entende-se que o estudo da morfologia urbana se ocupa da divisão do meio urbano em partes (elementos morfológicos) e da articulação destas entre si e com o conjunto que definem os lugares que constituem o espaço urbano. Necessitando assim, a identificação e caracterização dos elementos morfológicos.

Seguindo estas abordagens, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a morfologia urbana da cidade de Poço Verde/SE. E, como objetivos específicos: (I) compreender as teorias que embasam o estudo da morfologia urbana; (II) compreender as características históricas, regional e urbana de Poço Verde/SE; (III) identificar a localização da atuação dos agentes produtores do espaço urbano na malha urbana do município; (IV) identificar os períodos e os tipos morfológicos; (V) identificar o conjunto de elementos que combinados configuram o desenho da cidade.

O estudo realizado teve como embasamento investigativo de GIL (2002), onde o processo metodológico consiste em um estudo de caso. De acordo com o autor, estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. O trabalho está fundamentado em bases conceituais de M.R.G Conzen (1960), Aldo Rossi (1964) e nas concepções teórico-conceituais de estudos produzidos por José Manuel Lamas (2017).

Almeja-se abordar a morfologia urbana como fonte de conhecimento sobre o ambiente urbano de Poço Verde, faz-se importante, diante das particularidades presentes na configuração da cidade, em seus aspectos históricos e espaciais. Além disso, soma-se o motivo da pouca produção científica sobre esse objeto de estudo, Poço Verde, considerando uma grande contribuição para futuras pesquisas no âmbito do planejamento e gestão da cidade.

Diante disso, o olhar desta pesquisadora para sua cidade de origem, foi um fator determinante. Ao contrário do que foi explorado durante a vida acadêmica, cujos referenciais teóricos e empíricos aprendidos abordavam aspectos das cidades de grande escala, nesse momento, a autora considera importante a sua vivência durante 19 anos no seu município, transformando o seu olhar como agente do processo, mas, sobretudo, como profissional de arquitetura e urbanismo.

Desta maneira, a pesquisa caracteriza-se por ser exploratória, foi realizada através de procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica para fundamentação

teórica, através de levantamentos conceituais sobre o assunto. O levantamento bibliográfico possibilitou conhecer os vieses de estudo da morfologia urbana, nos conduzindo para os estudos da escola Inglesa – M.R.G Conzen, seguindo para estudos produzidos por Aldo Rossi e José Manuel Lamas. Através disso o presente trabalho obteve fundamentação para a análise realizada.

De forma sintética, os procedimentos metodológicos seguiram as seguintes etapas: (I) a compreensão sobre teorias que embasam o estudo da morfologia, através das pesquisas bibliográficas; (II) a compreensão sobre as características regional, histórica e urbana do município, através de pesquisas em órgãos públicos e levantamentos sobre o município; (III) a identificação das ações dos produtores do espaço, através de pesquisas na Prefeitura Municipal, (baseando-se em CORRÊA, 2004); (IV) Análise dos períodos morfológicos, e os tipos morfológicos (baseando-se respectivamente em estudos produzidos por M.R.G Conzen (1960) e Aldo Rossi (1964); (V) identificação dos elementos morfológicos (baseando-se em José Manuel Lamas, 2017).

A seguir, apresentam-se os capítulos descritos do estudo. Tendo em vista a dificuldade de coletar determinadas informações, encontra-se aqui um “retrato” do que a autora encontrou e pesquisou sobre a sede de Poço Verde/SE.

1. A PRODUÇÃO DA CIDADE: PROCESSOS, AGENTES E FORMA URBANA

Para o desenvolvimento deste capítulo surgiram inicialmente, indagações que foram essenciais para compreender como ocorre a produção da cidade, os processos, agentes e formas resultantes. Dessa forma, pergunta-se: O que é o espaço urbano? Como é produzido? Quem o produz?

Nesse aspecto, para responder a compreensão do tecido urbano formado nesse processo, perguntou-se também sobre teorias de análise da produção urbana. Quais características e elementos desses processos no tecido urbano? Como esses processos podem ser verificados e analisados, através de métodos, na forma urbana resultante?

Assim, esse capítulo tentará responder essas questões que auxiliarão na compreensão teórica e metodológica da produção do espaço e análise da forma urbana.

1.1 A cidade enquanto espaço de produção social

As cidades são uma forma de organização do espaço geográfico e, como tal, revelam os traços culturais, econômicos e sociais da população. É, antes de mais nada, um imã, um campo magnético que reúne e concentra pessoas e mercadorias. (ROLNIK, 1988).

A cidade enquanto local permanente de moradia e trabalho, se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produtos para além das necessidades de consumo imediato. Podem ser espontâneas, quando estabelecidas naturalmente advindas, por exemplo, de um povoado, ou planejadas, como é o caso da nossa capital Aracaju, cujo plano foi previamente elaborado.

Rolnik (1988) ainda ressalta que o próprio espaço da cidade se encarrega de contar sua história, reverberada no desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denotando o seu mundo.

Já Santos (1959, p.14) afirma que *“a cidade é definida por suas funções e por um gênero de vida, ou, mais simplesmente, por uma certa paisagem que reflete ao mesmo tempo essas funções (...)”*.

Corrêa (2004) também traz conceitos relevantes sobre o espaço urbano na cidade capitalista, como produto da ação de agentes modeladores do espaço urbano que formam conjunto de diversos interesses pela terra urbana, sendo ao mesmo tempo, fragmentado e articulado. Essa fragmentação ocorre por diferentes usos que definem o espaço urbano, como o local de concentração de atividades comerciais, bairros residenciais com diferentes tipologias, áreas industriais, ou seja, um conjunto de áreas distintas que formam a dinâmica da cidade e se relacionam entre si, através do fluxo de pessoas e veículos.

No interior dessas ações sociais que desencadeiam relações espaciais coexistem articulações que são pouco visíveis. As pessoas nas suas atividades cotidianas, não se dão conta dessa realidade espacial, tendo em vista que na cidade capitalista essas relações são muito complexas, pois envolvem decisões e investimentos de capital. Assim, o espaço urbano é resultado das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, reflexo social, profundamente desigual, sendo, por outro lado, relações espaciais de natureza social, de classes e seus processos.

Diante disso, Corrêa (2004) pontua que o espaço urbano assume ainda uma dimensão simbólica: sendo fragmentado e articulado, resultado de ações acumuladas pelo homem através do tempo, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos, um campo de lutas permanente; constituído por diferentes usos da terra, lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem.

Segundo o autor, o espaço urbano é produzido por uma variedade de agentes sociais, a partir das relações marcadas pela ação destes, que é complexa e origina-se da dinâmica de acumulação de capital, das diversas necessidades da sociedade e dos conflitos de classes que dessas necessidades emergem.

O autor ainda assegura que essas ações dos agentes

Inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (CORRÊA, 2004, p.11).

Classificando esses agentes, em função de suas práticas cotidianas da produção da cidade, que são: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos (Figura 01).

Figura 01 – Esquema: agentes produtores do espaço



Fonte: Esquema dos agentes produtores, segundo Corrêa, (2004).

Elaborado pela autora, (2021).

Estes agentes estão inseridos dentro de uma temporalidade, materializando os processos no espaço e as relações sociais existentes naquele período de tempo. Nesse aspecto, Corrêa (2004) ressalta a importância de entender que:

Em primeiro lugar, a ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes. A ação desses agentes serve ao propósito dominante da sociedade capitalista, que é o da reprodução das relações de produção, implicando a continuidade do processo de acumulação e a tentativa de minimizar os conflitos sociais. (2004, p. 12-13).

Assim, faz-se importante entender a participação e atuação de cada um dos agentes, que serão detalhados a seguir, de acordo com a classificação, segundo Corrêa (2004). O primeiro deles são os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais ligados a indústria da construção civil, que precisam de terrenos amplos e baratos que acomodem às atividades de suas empresas. Suas raízes estão na propriedade fundiária, resquícios da história colonial do nosso país.

O segundo corresponde aos proprietários fundiários, que estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, que é uma transformação complexa, cuja demanda de terras e habitações depende do aparecimento de novas camadas sociais, oriundas de fluxos migratórios, ou seja, têm interesse na expansão

do seu tecido urbano, fruto da intervenção do Estado através de políticas de desenvolvimento urbano, infraestrutura e habitação.

Para isso, eles atuam de forma a exercer

Pressão junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano. Esta pressão não é feita uniformemente nem beneficia a todos os proprietários fundiários. Alguns, os mais poderosos, poderão até mesmo ter suas terras valorizadas através do investimento público em infraestrutura, especialmente a viária. (CORRÊA, 2004, p. 16)

O terceiro são os promotores imobiliários, que compram o terreno, decidem a localização, o tamanho das unidades e a quem vai destinar o imóvel, e a comercialização. Assim, têm como função a gestão de um processo complexo que envolve um conjunto de ações e agentes.

Nesta perspectiva, há de se considerar ainda o Estado e os grupos sociais excluídos. Dentre os cinco agentes, o Estado apresenta-se como o principal produtor do espaço, por estabelecer relações diretas e indiretas com os outros agentes de produção, tendo em vista que sua responsabilidade pelo controle das leis sobre a utilização do espaço, da efetivação das políticas públicas na cidade, além de armazenar grandes estoques de terras. Assim, a atuação do Estado visa, sobretudo, criar as condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, produzindo chão, espaços habitáveis, áreas públicas e saneamento.

O último corresponde aos grupos sociais excluídos que enfrentam grandes diferenças sócias no que se refere ao acesso de bens e serviços. A moradia é um desses bens cujo acesso é seletivo, grande parte da classe trabalhadora não tem acesso, ou seja, não possui renda para comprar um imóvel. Sendo um dos mais significativos sintomas de exclusão. Essas diferenças se expressam na maneira como a cidade capitalista está organizada, fragmentada e como seus serviços são destinados.

Os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentes e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade (CORRÊA, 2004, p. 30).

Nesse aspecto, observa-se que, conforme, Souza (2003) e Villaça (2001), a articulação desses agentes na produção do espaço urbano, desencadeia processos

em função dos seus diferentes interesses, tornando-o mais complexo, fragmentado e contraditório, oferecendo, cada vez mais bens e serviços variados no espaço urbano, que se torna cada vez mais crescente. Um desses processos é a segregação sócio espacial, fruto da produção de oferta de cidade diferenciada do Estado em algumas áreas, em detrimento de outras, visando atender as demandas da sociedade capitalista. Paralelamente a essa realidade, os grupos excluídos enfrentam os efeitos desse processo, sendo “empurrados” ou melhor, segregados de forma imposta, em áreas totalmente desprovidas de serviços básicos como saneamento básico, postos de saúde, segurança pública, escolas. Por outro lado, aqueles grupos de alta renda que tem poder de compra de terras mais valorizadas e urbanizadas, ocupam bairros privilegiados, refugiando-se de forma auto segregada.

Assim, nessa perspectiva, a respeito das diferentes classes sociais e suas formas de ocupação que configuram o espaço capitalista, Corrêa (2004, p.148) ressalta que:

A desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista, refletindo, de um lado, a desigualdade social expressa no acesso desigual aos recursos básicos da vida e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade.

Sobre esse tema, é importante lembrar que a cidade é constituída por bairros com características homogêneas, quanto à estrutura urbana, social econômica e ambiental (VILLAÇA, 2001). Nesse âmbito, o uso do solo delimita a existência de diferentes setores dentro da cidade (residencial, industrial, comercial, expansão – com estoque de terras), cuja a distribuição é oriunda da pressão do capitalismo. Isso forma um espaço seletivo, com diferentes situações de uso e ocupação, densidade, articulações que são refletidas de forma desigual no espaço heterogêneo. (MIYAZAKI,2013).

Entretanto, apesar de diferentes, essas diferentes classes e áreas urbanas estão interligadas no território, onde ocorrem “as trocas entre as diferentes frações do tecido urbano”, que se constituem um parâmetro importante para se compreender a estrutura da cidade (SANTOS, 1981, p.173). Nesse contexto, Santos ainda (1981, p.173) afirma que “existem duas ou diversas cidades dentro da cidade. Este fenômeno é o resultado da oposição entre níveis de vida e entre setores de atividade econômica,

isto é, entre classes sociais”. Essas “cidades dentro de cidades” se comunicam entre elas.

Contudo, faz-se relevante considerar a distribuição dos usos e funções urbanas do ponto de vista da distribuição espacial e de seus conteúdos, que de acordo Miyazaki (2013), demanda uma abordagem que considere a circulação e a acessibilidade no âmbito do espaço urbano:

[...] a cidade é marcada pelo movimento, decorrente da divisão social e territorial do trabalho, com fluxos que integram (ou excluem) diferentes setores desse espaço numa relação direta com a forma urbana. Nesse contexto, aos estudos sobre a forma da cidade se deve agregar o movimento. A circulação pode se dar de forma limitada pelas características físicas do espaço urbano, bem como pode reconfigurar o arranjo de usos do solo. (MIYAZAKI, 2013, p.55)

Duarte (2006) e Harvey (1980) ressaltam sobre a indissociabilidade entre forma e movimento na cidade, expressa na dialética estabelecida entre os fixos e os fluxos. Ao longo dos anos, as alterações na forma espacial da cidade por mudanças de localidade dos habitantes através da relocação de residências, vias de transporte, geração de novos centros de oportunidades de emprego, também mudam o preço de acessibilidade e o custo de proximidade de qualquer moradia (HARVEY, 1980).

Villaça (2001) ressalta que as camadas de mais alta renda controlam a produção do espaço urbano por meio do controle de três mecanismos: um de natureza econômica - o mercado imobiliário; outro de natureza política: o controle do Estado, e, finalmente, através da ideologia.

Assim, nota-se a influência que o setor imobiliário exerce na estrutura da cidade, alimentando as diferenças sociais e econômicas, mediante ao parcelamento e valoração do solo urbano.

Deste modo, percebe-se que a terra urbana é alvo de disputa de diferentes agentes (legalmente organizados ou não) que querem sobre ela produzir estruturas de acordo com seus interesses ou necessidades contraditórias. Tal disputa gera, sobre este espaço, uma constante tensão que se materializa, muitas vezes, em conflitos. Desta maneira, à medida em que os agentes sociais produzem o espaço urbano, se torna cada vez mais difícil compreender a dinâmica existente, dimensionar seu crescimento, entender as relações sociais que se estabelecem. (CORRÊA, 2004)

Entretanto, para Rolnik (1988), o próprio espaço da cidade se encarrega de contar sua história através das suas formas e edificações, pois o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo e a temporalidade em que foram construídos.

Nesse sentido, é necessário ainda entender mais processos que desencadeiam da atuação desses agentes e as formas urbanas resultantes dessa produção social. Para tanto, serão construídas na próxima etapa deste trabalho, mais leituras sobre essa temática, a fim de responder questões elencadas anteriormente.

1.2 Morfologia Urbana como campo de análise da produção da cidade: conceitos, escolas e teorias

À medida em que a cidade está em constante processo de desenvolvimento e conseqüentemente sofrendo modificações, a leitura sobre o espaço urbano torna-se cada vez mais complexa. O campo de estudo que se dedica a estudar e analisar as diversas relações dessas formas e dos processos que lhe originaram é a morfologia urbana (LAMAS, 2017).

Ao recorrer ao significado da palavra “morfologia”, contata-se, segundo Rego e Meneguetti (2011), que vem do grego “*morphos*”, que quer dizer forma, e “*logos*”, que expressa estudo, sendo assim, utilizada para designar o “*tratado das formas que a matéria pode tomar*” de acordo com o Dicionário Aurélio, ou seja, estudo das formas oriundo da estruturação de algo. Ao acrescentar o termo *urbano*, entende-se que morfologia urbana como o estudo dos “*aspectos exteriores do meio urbano e*” de “*suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura*” (LAMAS, 2017, p.14).

Portanto, Lamas (2017) conceitua a morfologia urbana como uma análise da forma física dos espaços, podendo ter como objeto de estudo desde uma rua, bairro, ou até mesmo uma cidade. Trata-se do estudo do meio físico da forma urbana, dos processos e das pessoas que o configuraram. Esses estudos, oriundos de determinadas correntes e escolas, são instrumentos importantes para compreender a conformação espacial do local, possibilitando a compreensão da produção do espaço e caracterizando-o através de uma leitura da forma, além de viabilizar a criação de diretrizes para o planejamento urbano.

Entretanto, essa análise não deve ser restrita apenas à forma urbana e sim, aos processos que a resultam, já que como já foi abordado anteriormente, o espaço urbano é um espaço complexo e oriundo de ações de agentes. Sendo assim, faz-se necessário então, entender, conforme aborda Holanda et.all (2000, p. 11), que *“falar em forma urbana ou espaço urbano remete, necessariamente, à abordagem dos processos de organização social na cidade a partir de suas características configurativas”*. Ainda nesse esforço o autor enfatiza a “pluralidade de aspectos pelos quais se pode compreender a cidade, qualificando-a como um fenômeno que admite vários olhares” (idem).

Diante disso, Rego e Meneguetti (2011) constataam que o estudo da morfologia, torna-se essencial para a leitura do desenho urbano, além de detectar princípios e tipos relativos ao traçado da cidade, possibilita futuras intervenções, sendo necessário, portanto, a adoção de métodos de análise.

A cidade para ser compreendida, deve ser estudada sob os mais diferentes enfoques, dado o caráter interdisciplinar do urbanismo. Um dos objetivos segundo Lamas é a materialização da forma do espaço humanizado.

(...) um primeiro grau de leitura da cidade é eminentemente físico-espacial e monográfico, portanto, específico da arquitetura, e o único que permite evidenciar a diferença entre este e outro espaço, entre está e àquela e explicar as características de cada parte da cidade. A este se junta outros níveis de leitura que revelam diferentes conteúdos (históricos, econômicos, sociais e outros). Mas esse conjunto de leituras só foi possível porque a cidade existe como fato físico e material, todos os instrumentos de leitura tem o mesmo objeto: o espaço físico, a forma urbana. LAMAS (2017, pag.25)

1.2.1 Escolas tradicionais da morfologia urbana

Os primeiros estudos registrados sobre a morfologia urbana aparecem na Europa no final do século XIX. Os primeiros investigadores interessados no estudo da forma urbana foram, Michel Robert Gunter Conzen (1907-2000), um geógrafo Alemão que emigrou para Inglaterra antes da Segunda Guerra Mundial, inicialmente para estudar e exercer a atividade de planejamento urbano, e depois para ensinar geografia; e o arquiteto italiano Saverio Muratori (1910-1973), um arquiteto Italiano que lecionou primeiro em Veneza e depois em Roma. Eles desenvolveram métodos individuais e empíricos, em diferentes locais e em um mesmo período de tempo. Estes

métodos são considerados os estudos clássicos da morfologia urbana e correspondem, respectivamente, às abordagens da escola inglesa e Italiana.

Os conceitos definidos por M.R.G. Conzen são reunidos no livro *Thinking about urban form*, editado por seu filho Michael. Conzen, em 2004. Estes constituem a base da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, que posteriormente serão aprimorados pelos seus discípulos e apresentados a seguir, constituindo os 10 principais conceitos conzenianos:

Conceito 01: A historicidade como característica geral das paisagens urbanas;

Conceito 02: A paisagem urbana como palimpsesto;

Conceito 03: A Análise da paisagem urbana;

Conceito 04: A Análise do plano urbano;

Conceito 05: O Processo morfológico;

Conceito 06: Os *fringe belts*;

Conceito 07: Os lotes burgueses ou medievais;

Conceito 08: A combinação dos processos morfológicos – as unidades de planejamento;

Conceito 09: os tipos funcionais e os regionais;

Conceito 10: Os atributos regionais;

Esses Conceitos surgiram de estudos desenvolvidos no campo da Geografia do século XX e que foram aprimorados pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana que se estrutura no legado de M.R.G.Cozen. A premissa adotada pela linha de pensamento por M. R. G. Conzen era a de que, a fim de compreender a relação entre as formas no espaço, é necessário também compreender os processos de sua formação no tempo. A morfologia urbana, portanto, requer uma dimensão temporal, bem como uma dimensão espacial a serem incluídas no estudo da paisagem urbana.

O método utilizado pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana é a organização temporal em períodos morfológicos e a visão Tripartite, ou seja, a cidade é subdividida em três complexos formais, o plano urbano, o tecido urbano e o seu respectivo padrão de uso e ocupação, desde o solo até as edificações. O estudo da estrutura física e espacial das cidades permite assim que ela possa ser lida e analisada conforme os processos de formação e transformação. O plano urbano, por sua vez, pode ser entendido por meio da análise dos seguintes elementos físicos fundamentais: o sítio

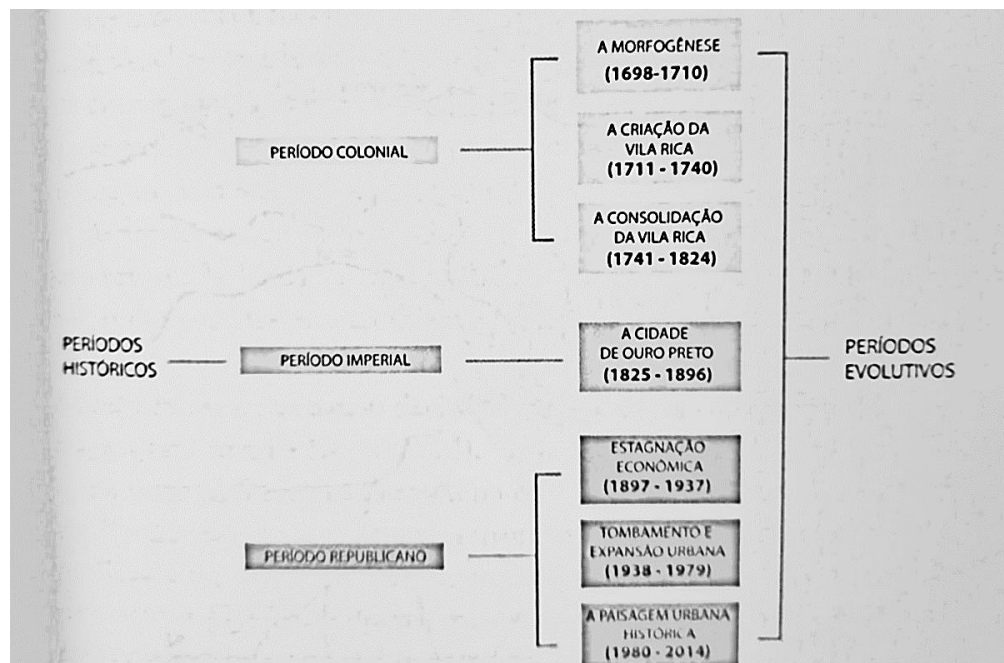
e sua geomorfologia, o sistema viário, o padrão de parcelamento das quadras e dos lotes e os edifícios, bem como os espaços abertos correlatos às formas construídas. (M. R. G. CONZEN, 1960).

A morfologia urbana permite ainda uma análise em diferentes graus de resolução: o edifício e seu lote; a rua e o quarteirão – conformadores do tecido urbano –, a cidade e a região, considerando ainda a dimensão temporal dos processos de ocupação e modificação sofrida por tais elementos. Percebe-se assim que a forma urbana deve ser entendida por meio de três elementos fundamentais: forma, resolução e tempo (M. R. G. CONZEN, 1960).

Conzen (2004) ressalta a necessidade da distinção entre os conceitos de períodos históricos e de períodos evolutivos.

Os períodos históricos são demarcados por fatos nos quais é possível a delimitação de datas, como reinados impérios, períodos republicanos. Já os períodos evolutivos as definições de datas devem ser convencionadas de acordo com fatos, mapas (CONZEN, 2004).

Figura 02 - As transformações temporais da cidade de Ouro Preto



Fonte: Os períodos morfológicos de ouro Preto, interpretação: Pereira e Gilmmmler Netto;
Elaboração: Laboratório da Paisagem EAUFMG, 2014.

A Escola Italiana de Morfologia, através de Muratori, que embora fosse considerado como um dos maiores profissionais da Itália, teve suas ideias e princípios recusados por parte da sociedade, é responsável por elaborar

O estudo da forma urbana como um modelo projetual para a cidade. Esses estudos concentram-se nas análises de como as cidades deveriam ser traçadas, tendo como modelo as tradições históricas dos elementos vernaculares das cidades italianas e a sua relação com espaço urbano (COSTA, NETO 2017, p.35)

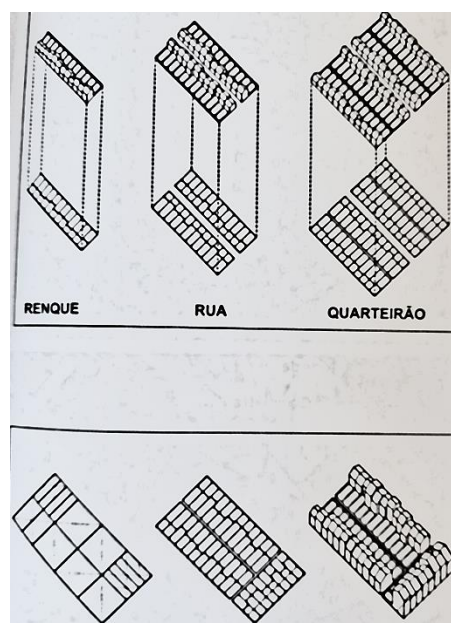
Essas ideias foram desenvolvidas por seus seguidores, como Aldo Rossi que apareceu como um precursor na utilização de categorias conceituais que estabeleceram novas referências para a concepção arquitetônica, concentrando a observação para os edifícios que compõem a cidade (COSTA, NETTO 2017). Para Rossi (2016), a cidade é o princípio ordenador no qual se desenvolvem e estruturam os tipos construtivos que integrarão a forma urbana, fazendo-se necessário, portanto, a análise dos tipos construtivos e da morfologia urbana para o entendimento da paisagem urbana.

Segundo Rossi, tipologia construtiva e morfologia urbana têm uma relação dialética, onde a forma urbana é interdependente da forma construtiva e trabalhar a forma urbana é determinar tipologias. A cidade portanto é o princípio ordenador no qual se desenvolvem e estruturam os tipos construtivos que integrarão a forma urbana. Fazendo-se necessário, portanto, o estudo dos tipos construtivos e da morfologia urbana para o entendimento da paisagem urbana.

Para Rossi o tipo vai se constituindo de acordo com as necessidades. É único e variado em diferentes sociedades, está diretamente ligado à forma e ao modo de vida: é algo permanente e complexo, existe antes da forma e a constitui. Rossi diz ainda que nenhum tipo se reduz à forma, mesmo sendo todas as formas arquitetônicas redutíveis a tipos. O tipo é, uma constante que recebe influência da técnica, da função, da estética, do caráter coletivo e do momento individual do fato arquitetônico.

A conjuntura francesa distingue-se duplamente pela precedente reflexão geográfica e historiográfica sobre as cidades, desde Quatremère de Quincy, e pelo ambiente intelectual vibrante da década de 1960, com a fundamental contribuição do sociólogo Henri Lefebvre (1901 – 1991). Também se opondo aos resultados da maciça produção habitacional baseada em alguns aspectos do movimento moderno, aproximando-se assim da filosofia da escola italiana, e apoiando-se numa extensa reforma educacional, surge a Escola de Arquitetura de Versalhes, fundada por Jean Castex, Jean-Charles Depaule e Philippe Panerai. Principalmente através do livro *Análise Urbana* (1980) de Philippe Panerai, esse grupo encontraria reverberação internacional. (COSTA, NETTO 2017, p.36).

Figura 03 - Os elementos do tecido urbano



Fonte: *Análise Urbana*, Phillippe Panerai

Tem-se assim como escolas da morfologia urbana as: inglesa, italiana e francesa. Na década de 1990, José Manuel Lamas, português, descreve sobre os elementos da morfologia urbana através da sua tese de doutoramento. A obra intitulada “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade” constitui em uma análise caracterizando as especificidades da forma urbana, Lamas aponta que a concepção da forma urbana parte de diferentes níveis de compreensão, como descreve as diferentes escalas de análise: a da rua, do bairro, e da cidade.¹

¹ Referências a Rossi extraídas do livro de LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e o desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2017.

Diante disso, apesar da existência de diferentes correntes, ideias, teóricos e métodos, há um consenso de que a forma urbana pode ser lida e analisada através de sua forma física que se estrutura em três princípios conforme estabelece Moudon (1997 apud COSTA, NETTO 2017, p.34):

1. A forma urbana é definida por três elementos físicos essenciais: edifícios e seus espaços abertos correlatos, lotes urbanos e ruas.
2. A forma urbana pode ser entendida em diferentes níveis de resolução. Em geral, quatro são reconhecidos, correspondendo ao edifício e seu lote, o quarteirão, a cidade e a região.
3. A forma urbana somente pode ser compreendida historicamente desde que os elementos dos quais é composta passam por contínua transformação e mudança. (MOUDON, 1997, p. 7)

Através dos conceitos aqui apresentados referentes às escolas de morfologia urbana, este trabalho se apoiará nos conceitos elaborados por M.R.G Conzen, utilizando análise dos período morfológico, a análise tipo morfológica segundo Aldo Rossi, e a obra de Lamas, “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade” como forma de análise dos elementos constituintes na cidade de Poço Verde/SE.

1.2.2 Formas Urbanas

O conceito de forma está relacionado a sua configuração, refere-se fundamentalmente a uma leitura visual, ou seja, totalmente exterior. Na morfologia urbana, os instrumentos de leitura urbanísticas e arquitetônicas são em primeiro lugar o que mais interessam. Lamas (2017) afirma que a construção do espaço físico passa necessariamente pela arquitetura, sendo assim, a noção de forma urbana está diretamente ligada ao conjunto de construções arquitetônicas ligadas entre si através das relações espaciais.

Lamas (2017), define a forma urbana como:

“Aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente a materialização dos aspectos de organização funcional e quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos”.

Os aspectos quantitativos, referem-se a uma organização quantitativa: densidades, superfícies, fluxos, coeficientes volumétricos, etc. dados que podem

controlar os aspectos físicos da cidade. Os aspectos de organização funcional, relacionam com atividades humanas (habitar, comerciar, trabalhar, etc.) e também ao tipo de uso do solo. Já os aspectos qualitativos, estão inteiramente relacionados ao tratamento dos espaços, ao conforto e a comodidade do utilizador. Por fim, os aspectos figurativos, relacionam-se essencialmente com a comunicação estética (LAMAS, 2017).

Os elementos fundamentais de estudo da forma urbana são:

- Forma: sítio e sua geomorfologia, sistema viário, padrão de parcelamento das quadras e dos lotes, edifícios e espaços abertos correlatos às formas construídas • Resolução (escala): o edifício e seu lote; a rua e o quarteirão, a cidade e a região
- Tempo: Períodos morfológicos (períodos históricos + períodos evolutivos): fatos históricos e inovações materializadas.

A Hierarquia da forma na paisagem urbana (visão tripartida):

- Plano urbano: o sistema viário e o padrão de parcelamento do solo associado;
- Tecido urbano: quadras e lotes com os tipos edilícios semelhantes;
- Uso e ocupação do solo: o lote, o edifício e o uso (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2015).

Segundo Coelho “Está questão da forma urbana é colocada sempre que se reflete sobre a cidade, procurando a maioria das vezes articular a leitura da cidade experimentada, aquela que conhecemos pela experiência do cotidiano” (COELHO, 2015 p.15).

1.2.3 Formas, Contexto e Função

Segundo Lamas (2017), qualquer forma deve satisfazer um conjunto de critérios que se designa geralmente por contexto. O contexto pode englobar tanto critérios funcionais como econômicos, tecnológicos, jurídico-administrativo (por exemplo, as relações entre parcelamento e as formas urbanas).

A forma urbana deve constituir uma solução para o conjunto de problemas que o planeamento urbanístico pretende organizar e controlar. É a materialização no

espaço da resposta a um contexto preciso. A mudança no contexto vai mudando as formas pela necessidade de resposta a situações diferentes (LAMAS, 2017).

Sendo assim, Lamas (2017) afirma que é através da arquitetura que se pode caracterizar um espaço urbano. Nesta linha teórica, a arquitetura deve ser compreendida como parte constituinte da cidade, sendo parte do sistema complexo das relações espaciais. A noção de forma aplica-se a todo esse espaço construído em que o homem introduziu em sua ordem e ao meio urbano que tem como objetivo de análise a concepção arquitetônica.

Segundo Lamas (2017), entre os critérios do contexto, a função tem relevo particular. Não seria sensato negar as relações entre forma e função, que existem em toda concepção arquitetônica e que se podem observar na arquitetura da cidade. A forma terá que se unir a função de modo a permitir o desenvolvimento eficaz das atividades que nela se processam.

1.2.4 Elementos da morfologia urbana

Os estudos da morfologia urbana abordam características físicas, processos e dinâmicas no tempo, baseado na teoria de que a construção do espaço urbano e da paisagem é produto da ação social, conforme visto no primeiro item deste capítulo (COSTA, NETTO 2017).

Assim, de acordo com Lamas (2017) a análise morfológica pode ser feita em diferentes escalas, de maneira que, os elementos morfológicos que estruturam a paisagem urbana sejam variáveis de acordo com o grau de importância que este vem a ter diante da escala espacial considerada. A compreensão desses elementos, pressupõe o entendimento da forma nas diferentes escalas e dimensões: setorial, que corresponde ao edifício, fachada, rua, calçadas ou praças; urbana, apresentada pelos bairros ou parte homogêneas da cidade; e territorial, que se constitui a escala da cidade, com seus variados elementos, como rua, bairro, zonas habitacionais, entre outros.

Considerando essas dimensões, Lamas (2017) aponta que a identificação de elementos morfológicos pressupõe conhecer quais as partes da forma e o modo como se estruturam no espaço da cidade. Portanto, sendo a leitura e composição urbana

essencialmente arquitetônicas, a análise dos elementos morfológicos devem seguir a mesma metodologia, considerado o seu contexto e escala. Os dez elementos morfológicos constituintes do espaço urbano são:

- O solo: é um elemento de grande importância no espaço urbano, sua análise traz itens como topografia do terreno e também itens como pavimentação. Ou seja, os aspectos naturais e a forma como esse terreno é tratado.
- O edifício: é considerado como um elemento que apresenta diferentes tipologias, através da sua organização no espaço, surge mais componentes do desenho cidade (ruas, fachadas).
- O lote: é a parcela do solo que o edifício ocupa, as dimensões, formas e posicionamento dos lotes tem grande influência nas tipologias de edificações. A forma do lote condiciona tanto a urbanização, quanto o objeto arquitetônico.
- O quarteirão: é o resultado da regularização e divisão fundiária, e da ordenação dos elementos morfológicos no espaço urbano.
- A fachada: é relação direta do edifício com o espaço urbano. Distinguindo o espaço público do privado.
- O logradouro: é o espaço privado, não edificado, é através do logradouro que se torna possível a evolução do quarteirão e bloco.
- O traçado e a rua: é um elemento que regula a disposição do quarteirão e liga os vários espaços da cidade. Além de distinguir o espaço antigo e o contemporâneo, através das suas formas espaciais.
- A praça: enquanto a rua é o elemento de mobilidade, a praça é o elemento de permanência. Projetada para servir como área de atividades sociais.
- O Monumento: são objetos marcos da paisagem. Para Lamas (2004), ele desempenha um papel de configurador daquela área, se tornando elemento estruturante da cidade.
- A árvore e a vegetação: são elementos que mesmo não tendo características permanentes, moldam o espaço urbano.
- O mobiliário urbano: são elementos da forma urbana, que apresentam além da funcionalidade, a qualificação do espaço urbano.

Nesse contexto, observa-se que o tecido da cidade é formado pelas edificações, ruas, quadras e lotes, parques, praças e monumentos, nos seus mais variados arranjos. Esses elementos devem ser considerados como organismos em

constante transformação ao longo do tempo, o modo como cada um conforma o tecido da cidade é efetivamente o objeto da morfologia urbana (REGO, MENEGUETTI, 2011).

No entanto, as formas urbanas são compostas pela articulação desses vários elementos que dão caráter complexo à realidade urbana, sendo necessário explorá-los e analisá-los a partir de seus conteúdos, enquanto materialização do processo de produção social do espaço urbano capitalista (REGO, MENEGUETTI, 2011).

Essas informações sobre o espaço urbano e seus elementos morfológicos são observadas a partir de uma análise cartográfica da cidade, tendo como ferramentas as imagens de satélites, fotografias, registros, documentos e observações *in loco* e outros métodos. A partir do levantamento desses dados, torna-se possível desenvolver mapas de usos do solo, mapa de Nolli² (Figura e fundo) dentre outros que possibilitam a análise espacial. Esses mapeamentos servem para o conhecimento do espaço urbano, compreendendo, através de suas formas, seus processos e transformações perante o tempo, além de possibilitar caminhos do crescimento da cidade, surgimento de novas áreas e possíveis intervenções, no tocante ao planejamento e gestão urbana.

² **Giambattista Nolli** ou **Giovanni Battista Nolli** (9 de abril de 1701– 1 de julho de 1756 (55 anos) foi um arquiteto e agrimensor italiano conhecido principalmente por seu plano icnográfico de Roma, a "*Pianta Grande di Roma*", que ele começou pesquisando em 1736 e gravou em água-forte em 1748, atualmente conhecida como **Mapa de Nolli**. Conforme Del Rio (1990), em meados do séc XVIII, o papa Clemente XII concebeu à Nolli, a responsabilidade de desenhar um mapa completo e preciso de Roma. Rendendo um total de 12 pranchas, o grande mapa de Roma de Giambattista Nolli. Conforme Del Rio (1990) Nolli utilizou-se da técnica de projeção vertical desenhada como figura-fundo. "Este método tornou-se um dos mais usuais nas análises morfológicas por expor claramente diversas das relações entre os elementos conformadores do tecido urbano" (DEL RIO, 1990, p. 74).

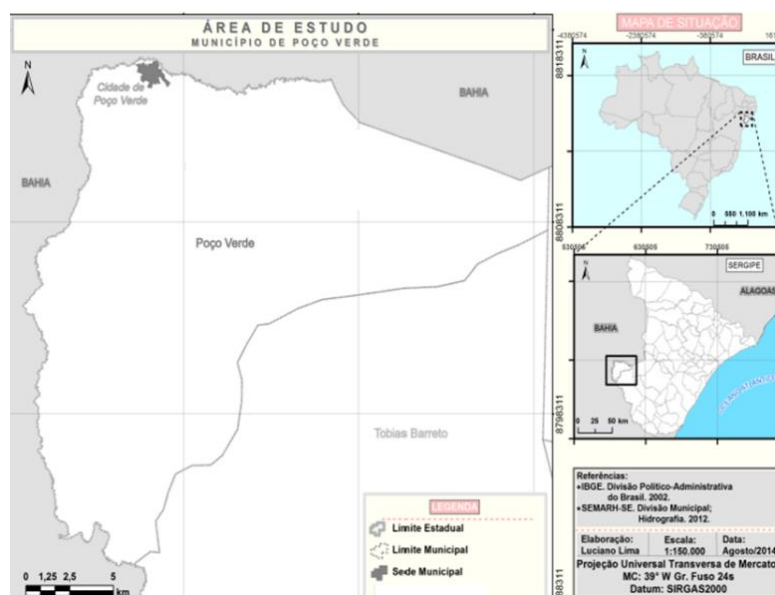
2. DESVENDANDO POÇO VERDE/SE: CONTEXTUALIZAÇÃO SOB OLHAR DAS DIMENSÕES E ESCALAS

Dentre vários aspectos tratados no capítulo anterior, destaca-se a importância da compreensão da produção do espaço urbano, considerando as dimensões espacial e temporal. Nesse ponto, entendeu-se relevante compreender o objeto estudo de caso, diante dessas duas dimensões, estudando assim, características históricas que contribuíram na formação do espaço atual, e em especial, quanto à sua escala no contexto regional. Através de levantamentos de informações em órgãos oficiais e de levantamentos de campo, pôde-se trazer, nesse momento, um direcionamento preliminar que contribuirá nas análises posteriores.

2.1. Entendendo dimensões espaciais: Poço Verde/SE no contexto regional

Poço Verde está localizado no semiárido sergipano, no extremo sudoeste do estado. Geograficamente, o município se reveste de grande importância, por ser a última cidade do extremo sudoeste do Estado, limitando o estado de Sergipe da Bahia. Limita-se ao norte, com os municípios baianos de Paripiranga e Ajustina, ao oeste Fátima, Heliópolis e Ribeira do Amparo (Bahia), ao leste com o município sergipano de Simão Dias e ao sul com Tobias Barreto. Sua localização distancia-se a 145 km de distância da capital (Aracaju) sendo em linha reta 126 km. (IBGE, 2010).

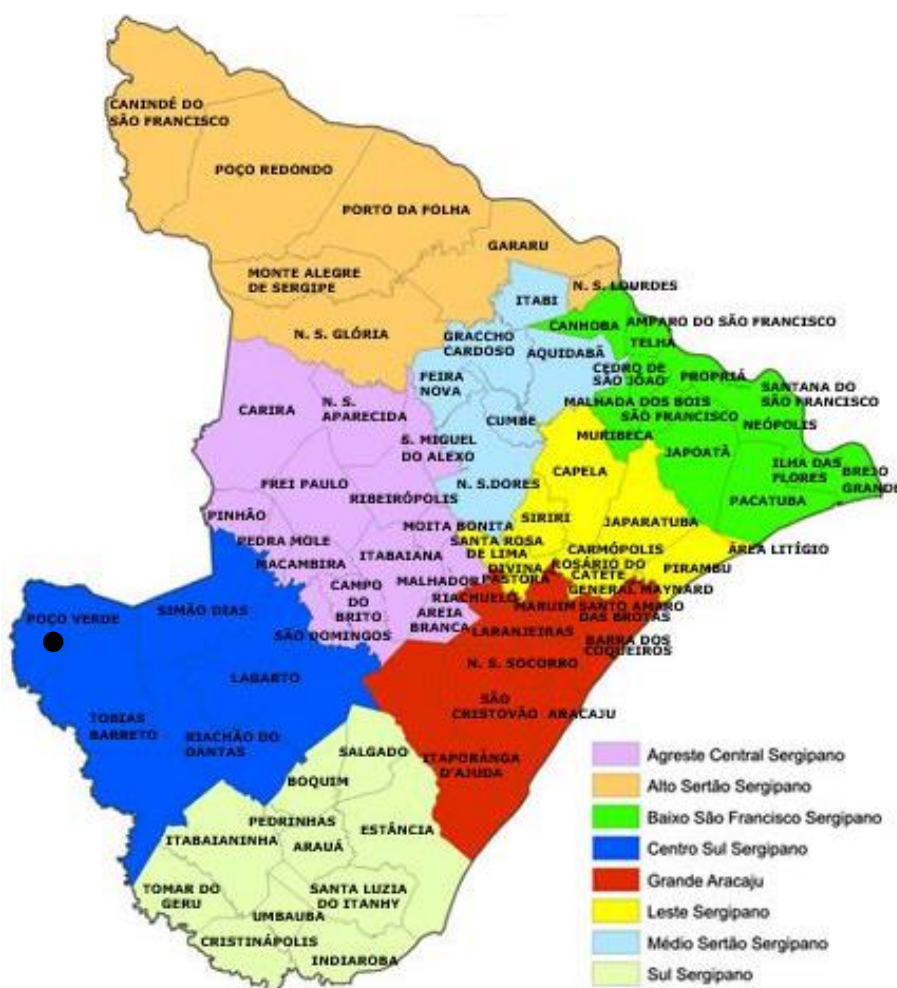
Figura 04 - Localização do município e delimitação da sede.



Fonte: SERMARH-SE e IBGE. Elaborado por Luciano Lima.

O município está situado na região Centro Sul do Estado de Sergipe, (figura 05) na mesorregião geográfica do agreste Sergipano e na microrregião de Tobias Barreto. Entretanto, em 2017, o IBGE extinguiu os termos mesorregiões e microrregiões, criando um novo quadro regional brasileiro, com novas divisões geográficas denominadas, respectivamente, regiões geográficas intermediárias e imediatas. Diante disso o município de Poço Verde está situado na região intermediária de Itabaiana e na região imediata de Lagarto. (IBGE, 2018).

Figura 05 - Mapa dos territórios Sergipanos, Poço Verde no contexto regional.



Fonte: ALESE e IBGE (2007).

De acordo com as informações do IBGE (2020), a área da unidade territorial do município de Poço Verde é de 441,326 Km² sendo 16º no estado e o 5º na região imediata. Sobre os dados populacionais do município é importante analisar que entre os anos 2000 e 2010 houve um acréscimo da população municipal, cujo os cerca de

2000 novos habitantes, se concentraram na sede urbana, trazendo novas configurações espaciais à cidade.

Quadro 1 - População Urbana X População Rural

Discriminação	2000	2010
População	20.436	21.983
Urbana	10.465	12.312
Rural	9.471	9.671

Fonte: Fonte: IBGE, 2000-2010.

O município de Poço Verde está classificado no último nível da hierarquia urbana, sendo definida como centro local, ou seja, que exerce influência restrita aos seus próprios limites territoriais. Tendo como região de influência a capital regional Aracaju, região intermediária Itabaiana e região imediata Lagarto. A média populacional dos centros locais é de apenas 12,5mil habitantes, com maiores médias na Região Norte (quase 20 mil habitantes) e menores na Região Sul (7,5mil pessoas em 2018). Essa diferença regional das médias demográficas repete o apresentado na pesquisa pelo Centro de Zona, inclusive tendo também a Região Nordeste com maior número Cidades neste nível hierárquico. (IBGE,2018).

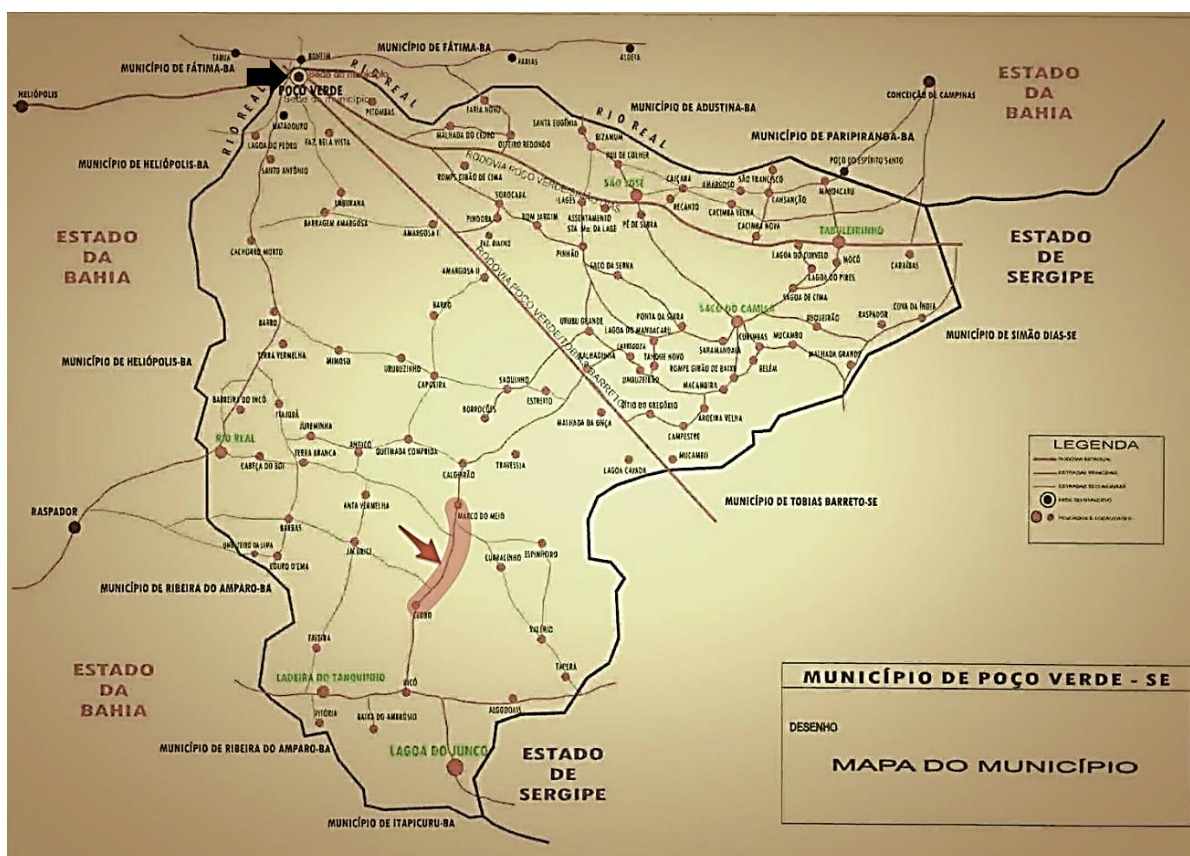
Quadro 2 - População e número de domicílios no município

Discriminação	2000	%	2010	%	Variação (%) 2000/2010
População por domicílio	19.973	100,0	21.983	100,0	10,1
Urbana	10.498	52,6	12.312	56,0	17,3
Rural	9.475	47,4	9.671	44,0	2,1
Densidade demográfica (hab/km ²)	46,34	-	49,95	-	7,8
Domicílio total	5.063	100,0	6.574	100,0	29,8
Urbano	2.762	54,6	3.778	57,5	36,8
Rural	2.301	45,4	2.796	42,5	21,5

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 2000 e 2010.

O município possui 59 povoados, sendo respectivamente: Amargosa I, Amargosa II, Aroeira, Baixa da Jurema, Baixa do Ambrósio, Barragem, Barras, Barro, Barrocoes, Bizamum, Bom Jardim, Cabeça Vermelha, Cachorro Morto, Cacimba Nova, Caldeirão, Campestre, Cansanção, Cedro, Cova da Índia, Curimbas, Espinheiro, Estreito, Jacurici, Ladeira do Tanquinho, Lages Assentamento, Lagoa do Curvelo, Lagoa do Junco, Lagoa do Mandacaru, Malhada da Onça, Malhada Grande, Malhadinha, Marco do Meio, Mimoso, Mucambo, Oiteiro Redondo, P.A.Santa, Maria das Lages, Pinhão, Pitomba, Ponta da Serra, Queimada Comprida, Recanto, Rio Real, Rompe Gibão, Saco da Serra, Saco da Serra, Saco do Camisa, São Francisco, São José, Saquinho, Sítio do Anjo, Tabuleirinho, Tanque Novo, Tanquinho, Terra Branca, Terra Vermelha, Travessia, Umbuzeirão, Urubuzinho. Os maiores são o São José, Tabuleirinho, Saco do camisa e Rio Real (EMDAGRO/ASPLAN, 2011-2013).

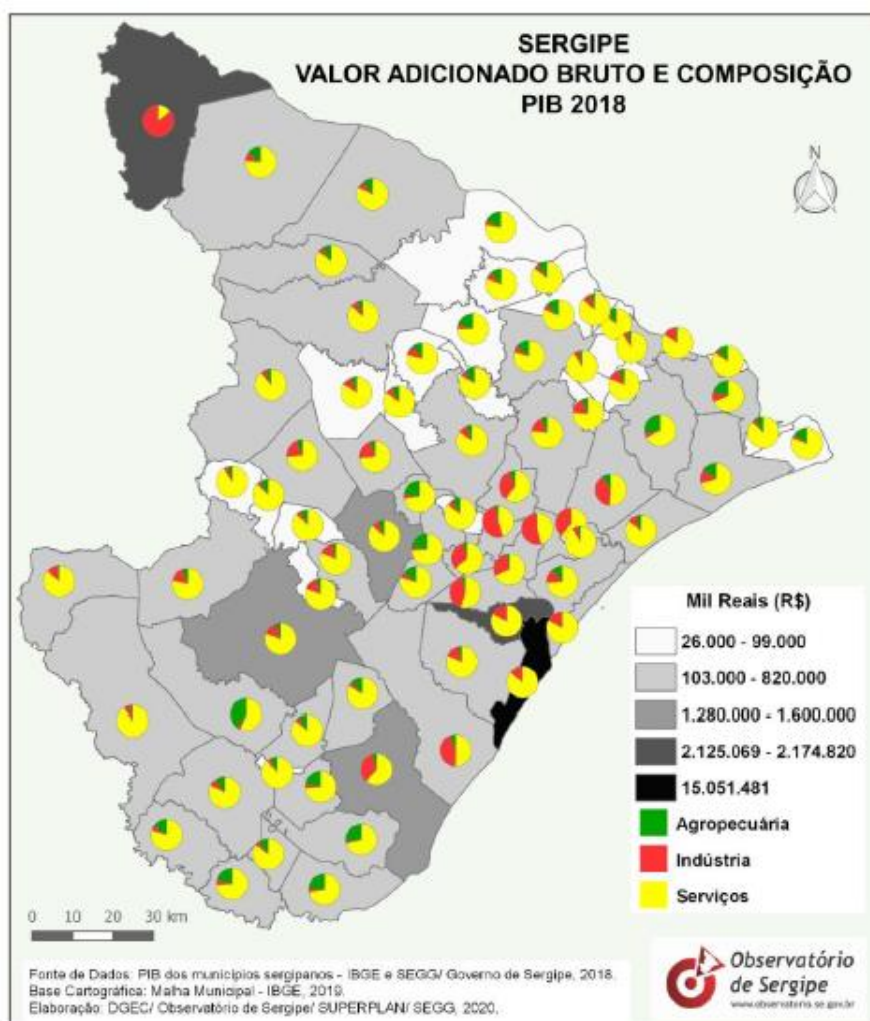
Figura 06 – Mapa do Município de Poço Verde com povoados e municípios vizinhos.



Fonte: Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE.

Segundo Oliveira (2013), a ocupação do solo agrícola domina a economia local, com estrutura fundiária de minifúndios, tendo o milho e o feijão como principais cultivos, vinculados diretamente à distribuição pluvial e adaptados à pequena variação térmica da tropicalidade de Poço Verde/SE. A cobertura vegetal é constituída pelo bioma caatinga, bem alterado em sua origem.

Figura 07 - Valor Adicionado Bruto e Composição – Sergipe - 2018



Fonte: Produto Interno Bruto dos Municípios - Observatório de Sergipe, 2018

O PIB *per capita* é resultante da divisão do PIB pela população residente, e é um dos indicadores vinculados ao repasse do Fundo de Participação dos Municípios, das capitais e do Distrito Federal. Em 2018, Poço Verde alcançou um PIB *per capita* de R\$10.106, ocupando o 75^o posição no estado e o 6^o na região imediata.

2.2 Entendendo dimensão temporal: a história da formação espacial de Poço Verde/SE

Diante do que já foi abordado anteriormente, para compreender a configuração do município atual, faz-se necessário voltar à sua origem, e entender historicamente como ocorreu as primeiras ocupações, visto que sua composição foi engendrada a partir de ações promulgadas ao longo do tempo.

As primeiras inserções no território onde está Poço Verde ocorreram no início do século XVII, em 1609, quando Antônio Guedes, fazendeiro da época adquiriu lotes de terras (sesmarias), onde foi implantado um regime de exploração baseado na propriedade privada de pecuária extensiva, cuja história da colonização ocorreu também nas demais regiões de Sergipe e do Brasil. (IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiro, 1959, p. 411)

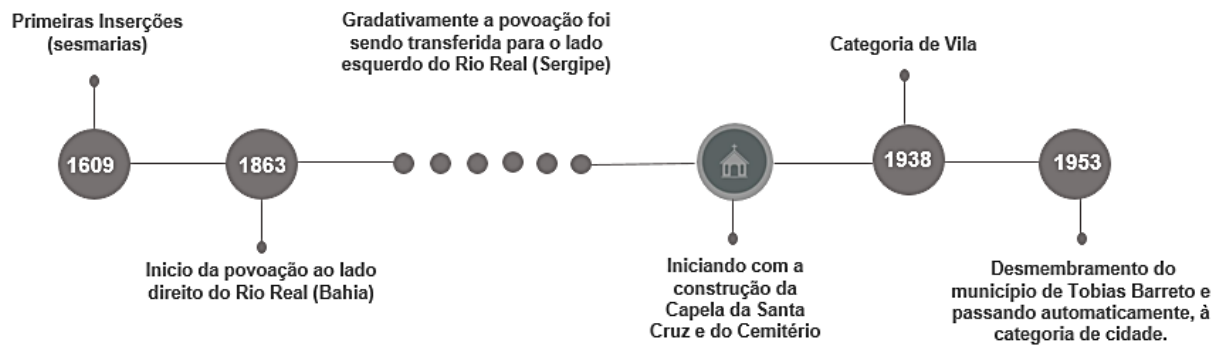
A povoação deu início à margem direita do Rio Real (Bahia) em 1863 e gradativamente foi sendo transferidos para o lado esquerdo do lado de Sergipe, iniciando-se com a construção da Capela da Santa Cruz e do cemitério, ambos são relevantes para a história deste município. Segundo a Enciclopédia dos Municípios (2002), o motivo da transferência tinha sido a preferência da jurisdição de Sergipe, em vez da do estado da Bahia, isto acontecendo ou por questão fiscal, ou de ordem política. (OLIVEIRA, 2013)

A origem do nome do município tem sua influência na existência de um poço formado pelas águas do Rio Real que nos longos períodos de estiagem não secava e nas margens germinava uma vegetação que permanecia sempre verde, sendo assim surgiu o nome Poço Verde. (IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1959, p.411)

No ano de 1923, foi criado o distrito de Poço Verde, passando a sua sede à categoria de vila, segundo as disposições do Decreto-Lei Federal n.º 311, de 02 de março de 1938. Nas divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, Poço Verde aparece sempre como distrito de Campos. Pelo Decreto-Lei Estadual n.º 533, de 07 de dezembro de 1944, o município de Campos passou a denominar-se Tobias Barreto. Em 25 de novembro de 1953 a Lei n.º 525-A, criou entre outros, o município de Poço Verde, desmembrado parte do município de

Tobias Barreto e passando automaticamente, à categoria de cidade. Figura 08. (IBGE, 2017).

Figura 08 – Linha do tempo.



Fonte: Autora, segundo IBGE.

Partindo destas premissas, é possível inferir que a formação do município, como também de seu espaço urbano, se configurou de forma bastante peculiar, devido a sua configuração espacial. Os processos políticos, econômicos e sociais vigentes, contribuíram fortemente para a origem do município, fato que se caracteriza de forma notória na história da área em questão.

2.3. Entendendo a escala urbana: a Sede de Poço Verde/SE

A escala geográfica não é somente a escala métrica ou cartográfica, conforme destaca Castro (1995). Nela está contida a dimensão espacial, social e histórica. Nesse sentido, pode-se analisar os núcleos urbanos como um todo, considerando os aglomerados urbanos.

Ao discutir as distintas escalas do espaço urbano, Villaça (1998), ressaltou a questão semântica da escala intraurbana. Afirmou-se que é tautologia usar o termo intraurbano, pois ele é sinônimo de urbano.

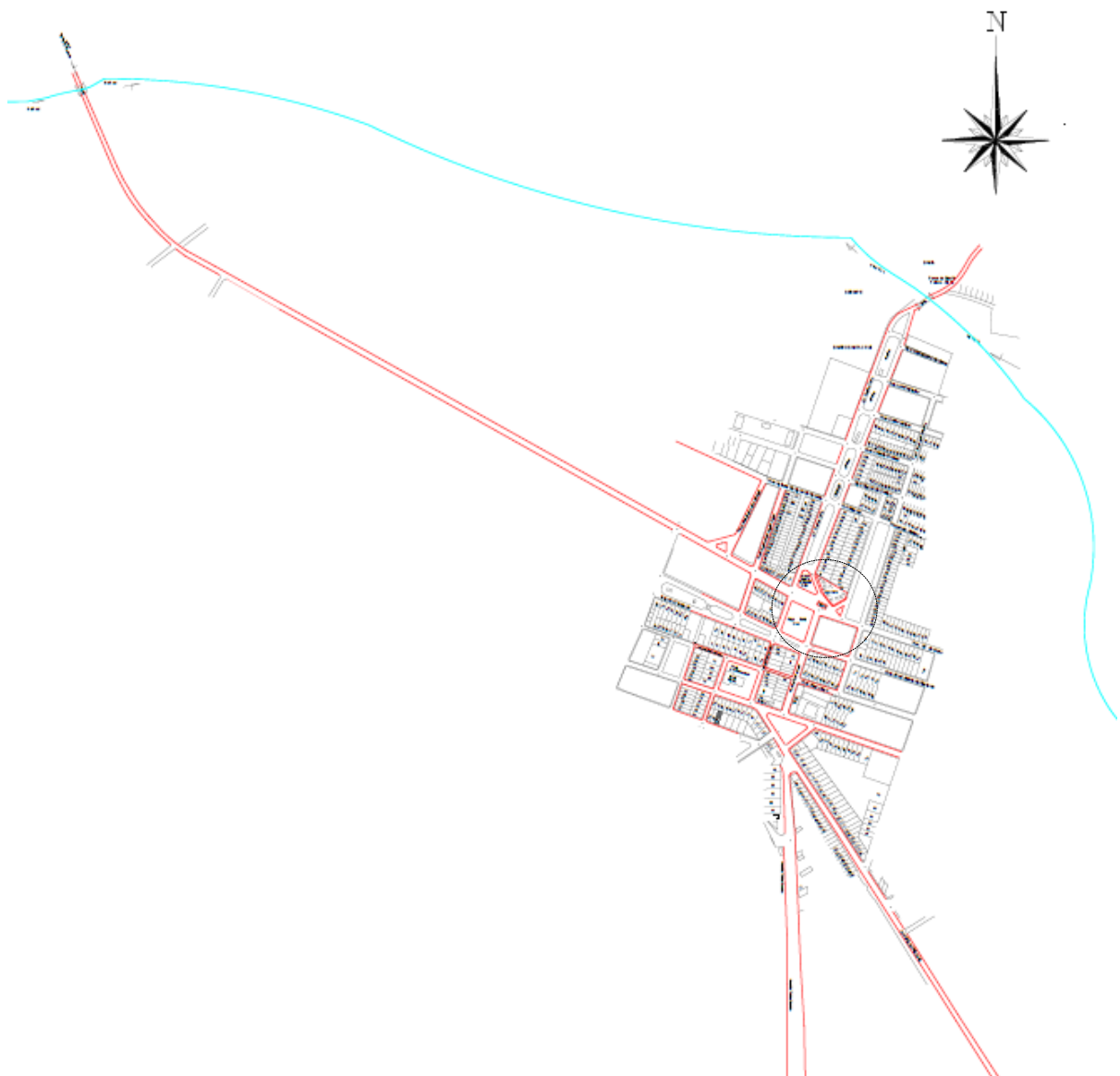
Villaça (1998, p. 20) destaca que o espaço intraurbano se conduz pela localização. Ele é estruturado pelo “deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho -, seja enquanto consumidor – reprodução da força de trabalho, deslocamento casa-compras, casa-lazer, escola etc.” Villaça (1998, p. 22) completa afirmando que, “o urbano passa então a ser definido em termos dos efeitos particulares da intensidade das interações entre o social e o espacial, provocadas pela forma específica de articulação espacial da produção, da circulação do consumo, na formação social”.

Em síntese, tendo a pretensão de olhar para a Sede do município de Poço Verde, busca-se a escala mais relevante sob a ótica do espaço intraurbano.

No espaço intraurbano o que impacta na sua estrutura ou reestruturação são os transportes e a mobilidade de pessoas, enquanto portadores de mercadoria força de trabalho ou como consumidores do espaço. Na escala intraurbana os modelos de desenvolvimento e intervenção regional não influem decisivamente na sua estrutura;(VILLAÇA, 1988).

Os estudos para compreender o surgimento e conformação espacial da sede do município foram realizados de forma preliminar a partir de levantamentos de dados na Prefeitura Municipal. A (figura 09, p.39) apresenta a região do bairro Santa Cruz, onde foi construída a primeira capela e o cemitério.

Figura 09 - Recorte da região onde foi construída a primeira capela
(Bairro Santa Cruz).



Fonte: Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE, editado pela autora.

Como já citado no primeiro capítulo, o processo de produção da cidade ocorre pelo conjunto de ações desencadeadas ao longo do tempo. Os agentes produtores do espaço, são também modeladores das formas. No que diz respeito ao espaço urbano, Corrêa (2004), em sua obra, nos diz que tal espaço é “simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais”. Formas que desenham a cidade num complexo de cheios e vazios, ou seja, de espaços construídos e espaços livres.

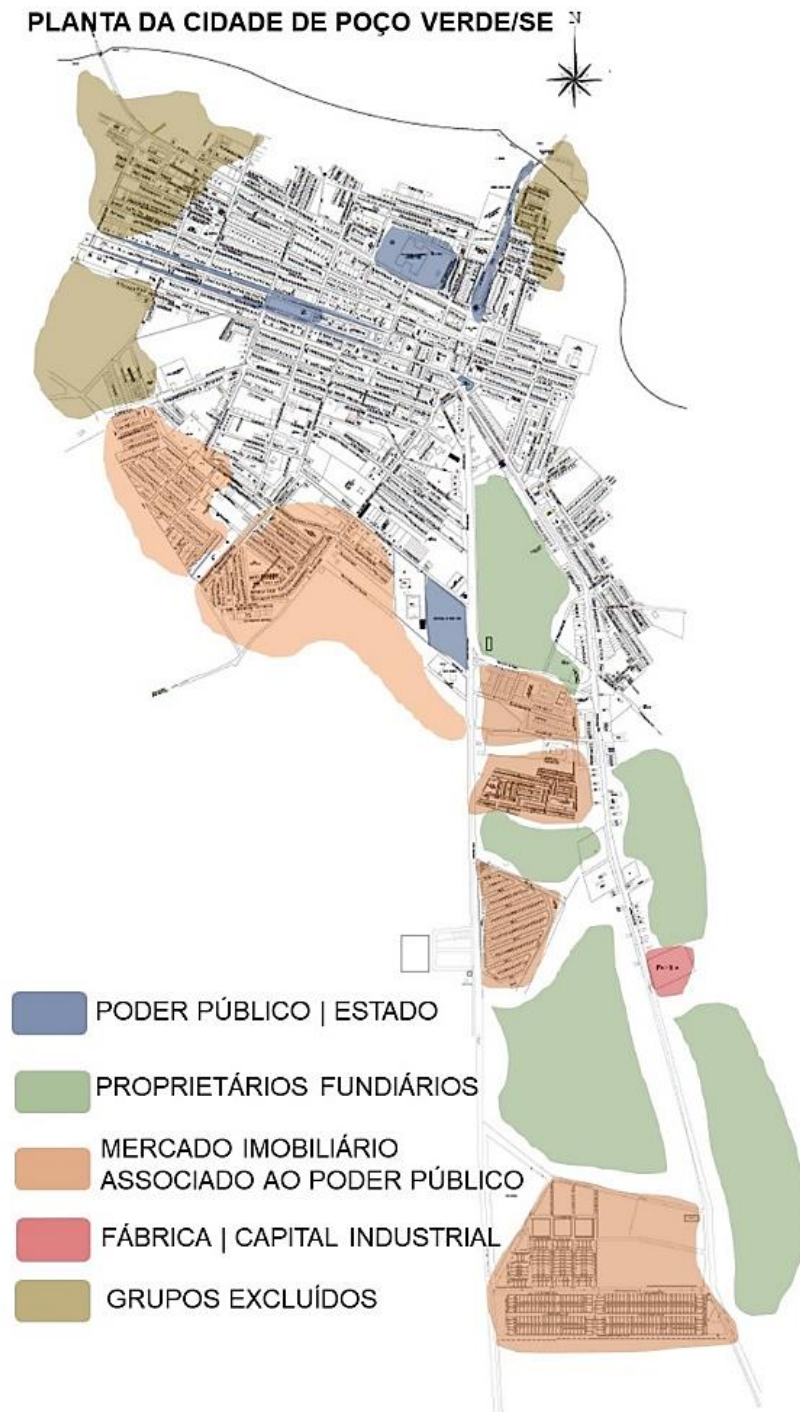
Porém, quem são os agentes produtores do espaço urbano? Ainda segundo o autor, os agentes principais que criam formas urbanas são: “a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, b) os proprietários fundiários, c) os promotores imobiliários, d) o Estado, e) os grupos sociais excluídos.”

Dessa maneira, nesse entendimento sobre o crescimento da área urbana de Poço Verde/SE, foi possível identificar de forma sintética algumas atuações e alguns agentes.

ATUAÇÕES	AGENTES
Urbanização horizontalizada com base em unidades autônomas (implantação de loteamentos, Fábrica, Conjuntos habitacionais etc.).	- Mercado imobiliário associado ao poder público - Capital industrial - Grandes proprietários de terra
Conjuntos habitacionais (área de expansão urbana)	- Mercado imobiliário articulado ao poder público.
Requalificações pontuais no espaço urbano	- Poder público
Remembramento de lotes, bem como desmembramento de lotes.	- Mercado imobiliário articulado ao poder público
Fragmentação do tecido urbano	- Proprietários fundiários
Segregação em função do suporte físico (sítio)	- Poder público - Grupos excluídos - Setor imobiliário - Grupos de alta renda

Implantação do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV).	- Poder público - Setor Imobiliário
---	--

Figura 10 – Esquema dos agentes produtores/modeladores do espaço urbano em Poço Verde/SE



Fonte: Base cartográfica da prefeitura de Municipal de Poço Verde/SE, editado pela autora.

- **O estado:** Apresenta-se como o principal produtor do espaço, por estabelecer relações diretas e indiretas com os outros agentes de produção, tendo em vista que sua responsabilidade pelo controle das leis sobre a utilização do espaço, da efetivação das políticas públicas na cidade. Na figura 10 foi destacada de forma sintética a ação do estado na requalificação das avenidas e dos espaços públicos.
- **Os proprietários fundiários:** Estes também fazem parte da produção do espaço urbano na cidade de Poço Verde/SE. Os vazios urbanos existentes na cidade, demonstram a ação desses agentes, que atuam diretamente na especulação de áreas e consequentemente influência na fragmentação da cidade.
- **Os promotores imobiliários:** Estão presentes na área de expansão da cidade. Através das construtoras que atuam em parceria com o poder público na construção de conjuntos habitacionais.
- **Os proprietários de meios de produção:** A existência de uma fábrica localizada ao sul da cidade, influência na expansão para respectiva área, uma vez que a especulação imobiliária não é um interesse dos proprietários dos meios de produção.
- **Os grupos sociais excluídos:** Enfrentam grandes diferenças sociais no que se refere ao acesso de bens e serviços. Por se tratar de uma cidade com uma divisão geográfica que limita o crescimento ao norte - estado da Bahia, as áreas limítrofes sofrem ainda mais com a ausência de infraestrutura adequada.

3. ANÁLISE MORFOLÓGICA DE POÇO VERDE/SE

Análise do perímetro urbano do município de Poço Verde/SE, obtendo como objeto de estudo os períodos morfológicos, conforme M.R.G. Conzen (1960), os tipos morfológicos, conforme Aldo Rossi (1964); e os elementos morfológicos, conforme Lamas (2017); tendo dentro deste estudo, consultas preliminares com subsídios teóricos e cartográficos sobre os dados históricos do município.

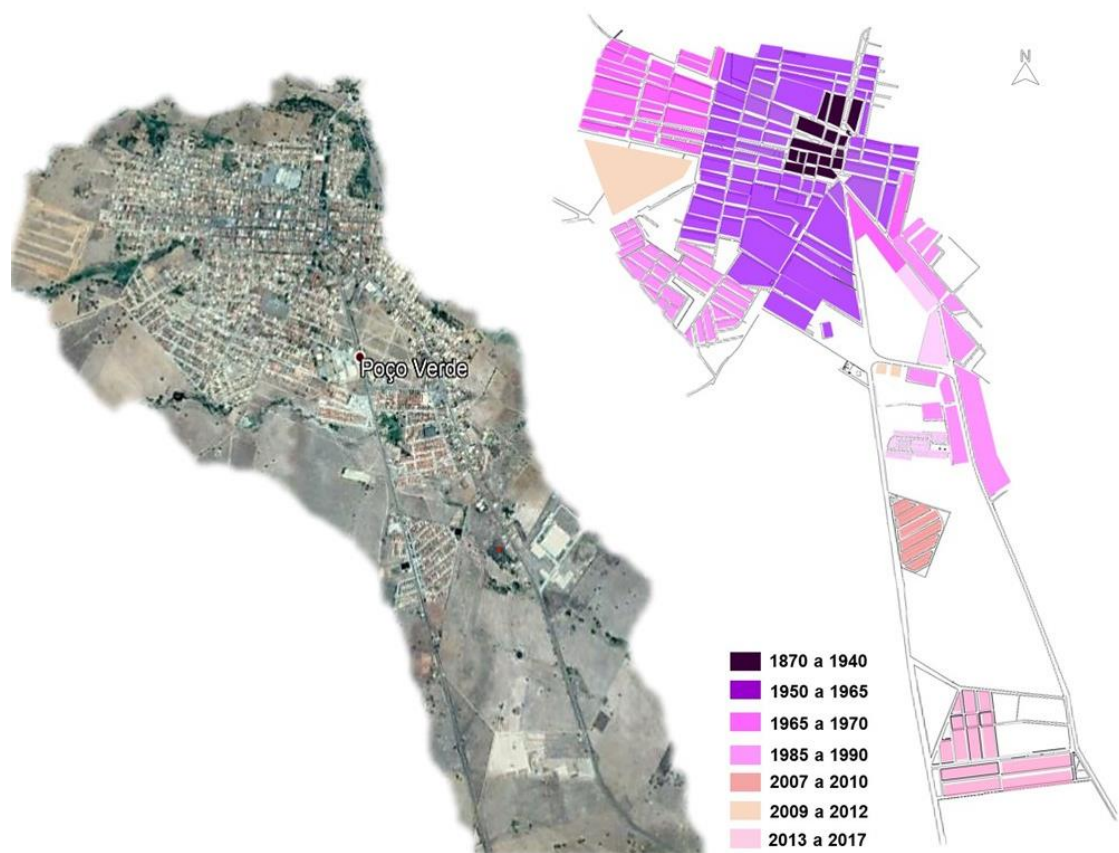
Por tanto, para esse estudo, determinou-se como ponto de partida a compreensão sobre teorias que embasam o estudo da morfologia, através das pesquisas bibliográficas. A compreensão sobre as características regional, histórica e urbana do município, através de pesquisas em órgãos públicos e levantamentos sobre o município. Posteriormente foi realizado a identificação dos períodos morfológicos e os tipos construtivos resultantes desses processos de transformações, foram realizados os levantamentos dos espaços vazios e ocupados, identificando onde a cidade está mais densificada construtivamente, por meio da ferramenta google earth, e através de mapas da Prefeitura de Poço Verde/SE. A partir disso foram elaborados o Mapa de Uso do Solo e o Mapa de Nolli (Figura-Fundo) através do programa AutoCAD. Posteriormente foram analisados os tipos morfológicos, na escala da rua, do bairro e da cidade. Identificando o tamanho das quadras, lotes, e recuos existentes nas edificações.

Por fim, a identificação dos elementos morfológicos que combinados configuram o desenho da cidade, sendo eles: O solo, o lote, o edifício, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado e a rua, a praça, o monumento, a vegetação, e o mobiliário urbano.

3.1 Os períodos morfológicos da cidade de Poço Verde/SE

Estudo de caso, aplicação de método da escola Inglesa no perímetro urbano de Poço Verde/SE. Entendendo que a análise de áreas ocupadas em diferentes períodos contribuiria no processo de delineamento temporal dos tipos-morfológicos recorrentes, buscou-se na cidade porções que demonstrassem manchas de crescimento progressivas, conformando uma sequência de ocupação ao longo das décadas.

Figura 11 - Períodos morfológicos



Fonte: imagens, Google Earth 2016. Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE.
Editado pela Autora.

Como foi abordado no segundo capítulo, as primeiras inserções no território onde está Poço Verde/SE, ocorreram no início do século XVII, em 1609, a povoação deu início a margem direita do Rio Real (Bahia) em 1863 e gradativamente foi sendo transferida para o lado esquerdo de do Rio (Sergipe), iniciando com a construção da capela da Santa Cruz e do cemitério. Após a implantação da capela, conforme as ocupações e expansões subsequentes, houve a inserção de novos loteamentos,

sendo estes também de forma gradativa. Nota-se que ao longo deste processo houve uma pequena, porém, significativa mudança quanto às características deste traçado, diferindo-se dos aspectos formais em cada época, a (figura 11) apresenta os períodos de crescimento de forma preliminar, a partir da análise dos quarteirões, porém, vale ressaltar que o crescimento ocorreu de forma pontual e gradativa e devido à ausência de documentos que abordem sobre o crescimento do tecido urbano, foi necessário uma adaptação na metodologia para tornar possível uma leitura a partir da configuração do tecido urbano. Dessa maneira foram observados os aspectos históricos e espaciais, através de uma leitura urbana, pode-se distinguir os desenhos dos lotes, quadras e as características das fachadas em diferentes épocas. Por isso, esses períodos estão sendo ilustrados em quarteirões.

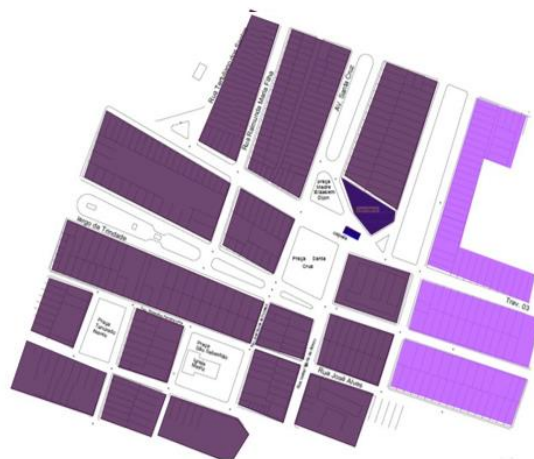
A (figura 11) busca apresentar a forma como se expandiu a cidade. Seguindo esta dinâmica e acompanhando as transformações do meio, houve também alterações quanto ao modo de edificar, configurando novas características e constituindo diferentes tipos edilícios ao longo do tempo, renovando estilos e conformando novas formas urbanas. A partir destas constatações, iniciou-se a aplicação da análise tipo-morfológica da escola inglesa na cidade, dando enfoque para a interpretação das tipologias morfológicas, como também as tipologias edilícias. Teve-se por intuito reconhecer em Poço Verde as transformações evidenciadas em seu tecido urbano ao longo do tempo e verificar a existência ou não de processos derivativos entre seus tipos edilícios, através dos mapeamentos.

Figura 12 - Recorte do Bairro Santa Cruz

- O Primeiro Período morfológico

Recorte do primeiro bairro – 1870 a 1940

Este período inicia com a construção da capela da Santa Cruz e do cemitério ao lado da capela, foram surgindo gradativamente uma povoação em seu entorno. Os quarteirões eram destinados ao uso residencial em sua maioria e seguiam uma malha regular, porém fragmentada dispostas de forma paralela com lotes estreitos e alongados.



Fonte: Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE. Editado pela Autora.

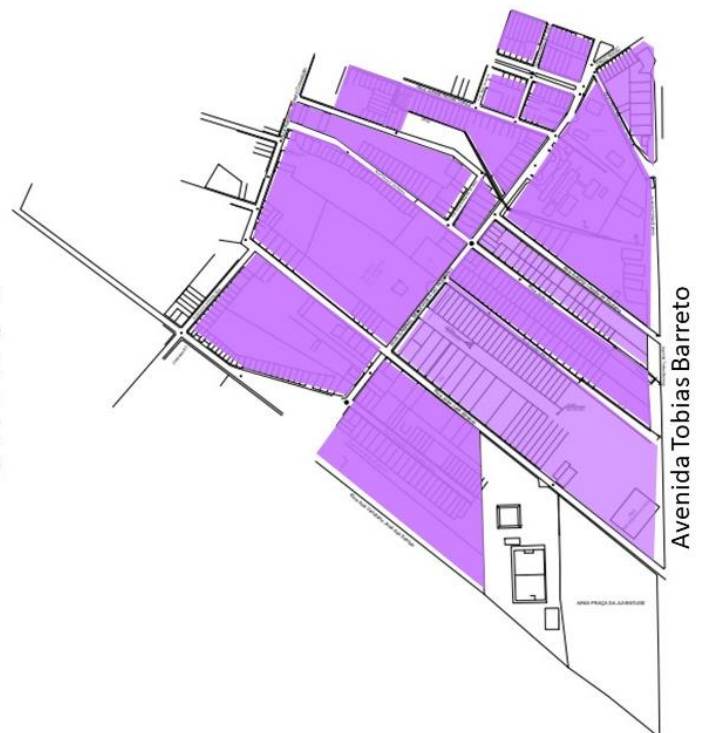
O Segundo período, escolheu-se uma porção localizada no setor sudoeste da cidade, caracterizada pelo tecido irregular e por ser um grande fluxo de crescimento durante a década de 1960, sendo consequentemente o maior bairro da cidade, e a partir dela, selecionou-se duas áreas que fazem parte do caminho de transposição da direção sul. Somando-se quatro áreas para a aplicação da análise.

Figura 13 - Recorte do Bairro Nação

- O Segundo Período morfológico

Recorte do Bairro Nação – 1950 a 1965

Este período inicia com um traçado irregular, com quadras mais amplas e fragmentadas. Os lotes também apresentam uma variação em seus tamanhos. A avenida Tobias Barreto foi ampliada e já configurava um caminho de transposição na direção Sul.



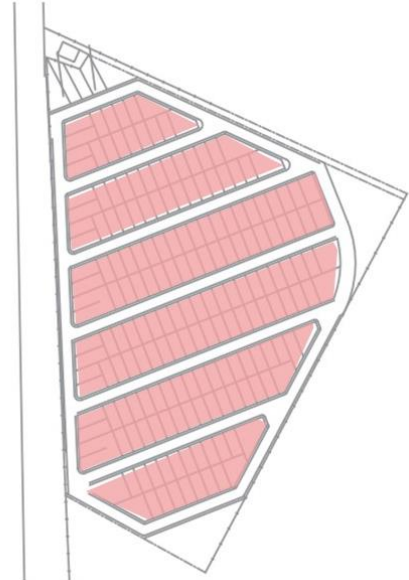
Fonte: Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE. Editado pela Autora.

Figura 14 - Recorte da malha urbana na área do Conjunto habitacional João Emídio dos Santos

- O Quinto período morfológico

Recorte do Conjunto João Emídio dos Santos – 2007 a 2010

Início da ocupação na área de expansão da cidade. Através do Conjunto Habitacional João Emídio, com subdivisões de quadras regulares e tipologias edilícias padrões aos modelos de conjuntos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida. Nesse período a fragmentação no tecido urbana torna-se mais notável, evidenciando os vazios urbanos existentes.



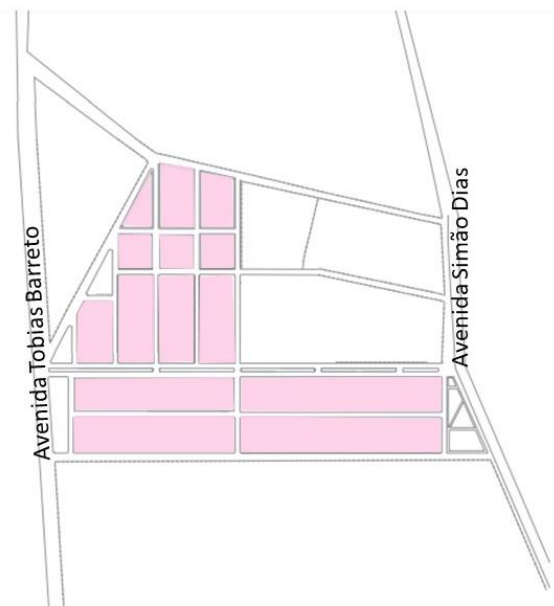
Fonte: Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE. Editado pela Autora.

Figura 15 - Recorte da malha urbana na área do Conjunto Habitacional Silvino Augusto.

- O Sétimo período morfológico

Recorte do Conjunto Habitacional Silvino Augusto de Souza – 2013 a 2017

Período de consolidação na expansão urbana da cidade em direção ao sul. O Conjunto Habitacional Silvino Augusto liga as duas principais vias de acesso a cidade (avenida Tobias Barreto e avenida Simão Dias). Possui um traçado regular, com quadras fechadas e vias paralelas.



Fonte: Base cartográfica da Prefeitura Municipal de Poço Verde/SE. Editado pela Autora.

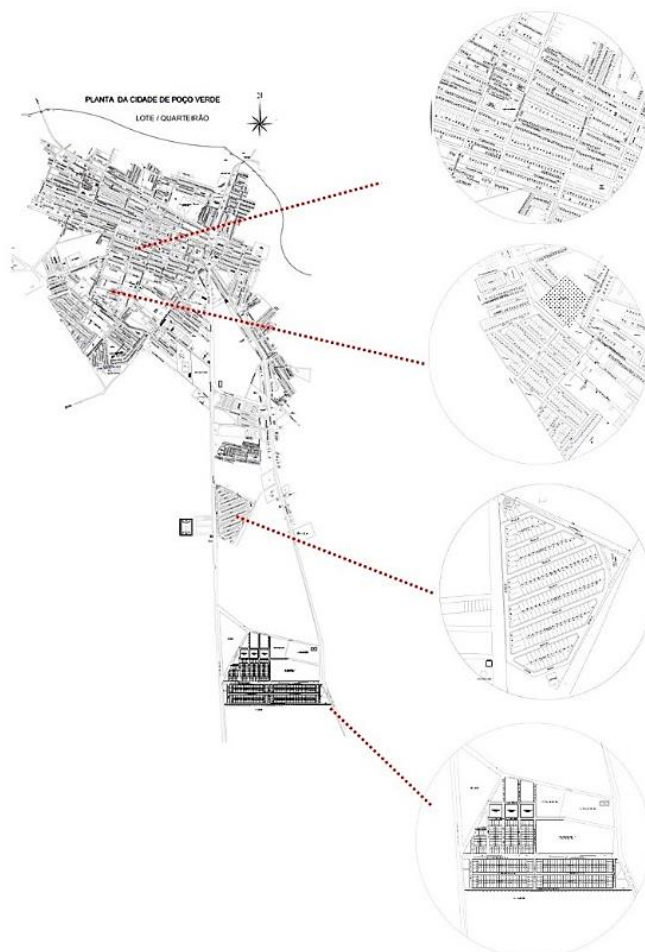
3.2 Os tipos morfológicos da cidade de Poço Verde/SE. Na escala da rua, do bairro e da cidade

- **Dimensão Setorial - Na escala da rua**

Os critérios que definem os tipos morfológicos encontrados na cidade de Poço Verde, conjugam aspectos relativos ao processo de ocupação da cidade, aos padrões edilícios característicos de cada fase, às atividades existentes, ao perfil fundiário, aos padrões de ocupação do lote, às relações existentes entre os espaços livres privados e à configuração morfológica geral.

Cruzando estes aspectos delineamos, até o momento, quadro tipos básicos, cuja distribuição espacial está ilustrada no mapa de localização das tipologias (Figura 16) e cuja descrição se segue:

Figura 16 - Mapa com recortes das áreas escolhidas para o estudo tipológico construtivo.



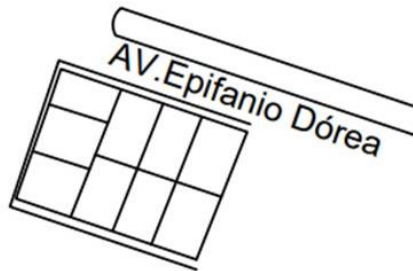
Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017. Editado pela autora.

Tipo 1

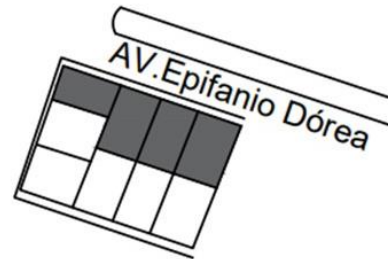
Características

- Encontram-se distribuídos na área central da cidade;
- Possui configurações de quadra fechada; com ruas largas; e arborização presente nos canteiros centrais das principais avenidas (Avenida Epifânio Dória e Avenida Capitão José Narciso), com o traçado regular;
- Lotes com testadas de 8 m;
- Lotes totalmente ocupados (construídos), sem recuos;
- Uso residencial, misto e comercial;
- Padrões construtivos heterogêneos.

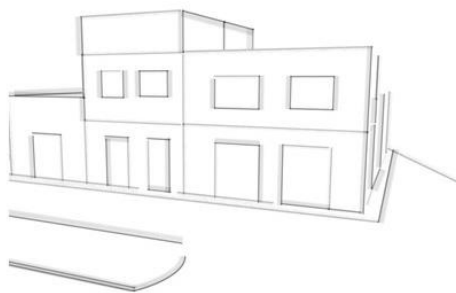
Ilustração



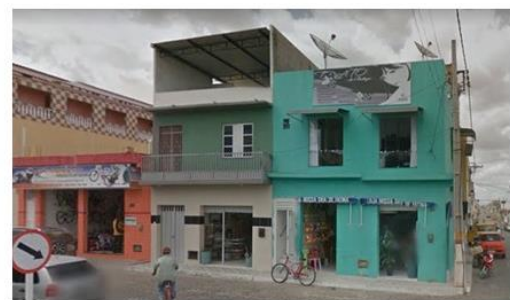
Tipo 1 - Perfil fundiário.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 1 - Implantação.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 21- Perspectiva.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021



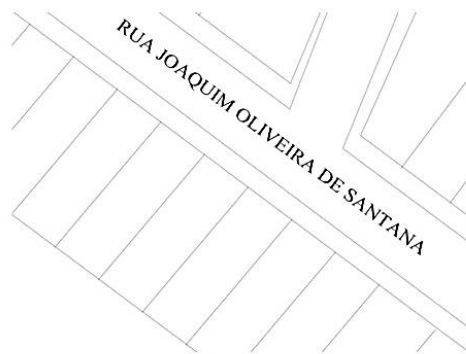
Tipo 1 - Fachadas.
Foto: google Earth, 2017

Tipo 2

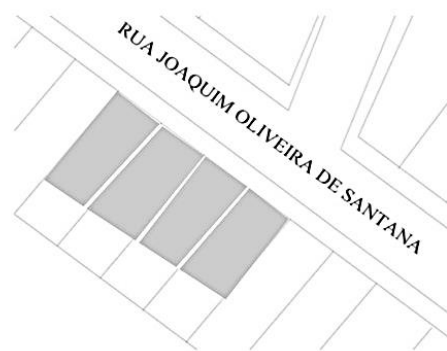
Características

- Encontram-se distribuídos em um dos conjuntos habitacionais mais antigos da cidade;
- Configuração da quadra fechada; com ruas mais estreitas; sem arborização; traçado regular;
- Lotes com testadas entre 5 e 6 m;
- Edificação ocupando todo o lote, sem recuos laterais e frontal, apenas com recuo de fundo;
- Uso predominantemente residencial, porém o bairro também apresenta o uso misto;
- Padrões construtivos homogêneos.

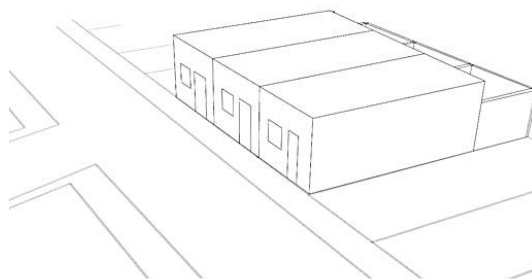
Ilustração



Tipo 2 - Perfil fundiário.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 2 - Implantação.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 2 - Perspectiva.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021



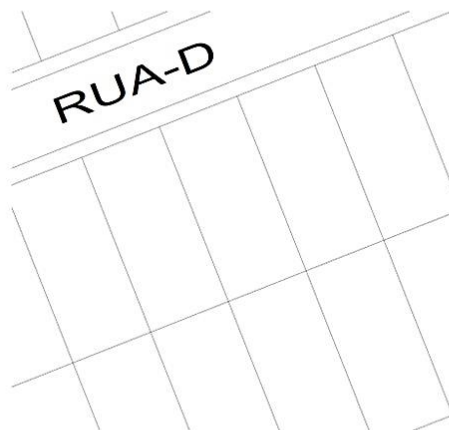
Tipo 2 - Fachada.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021

Tipo 3

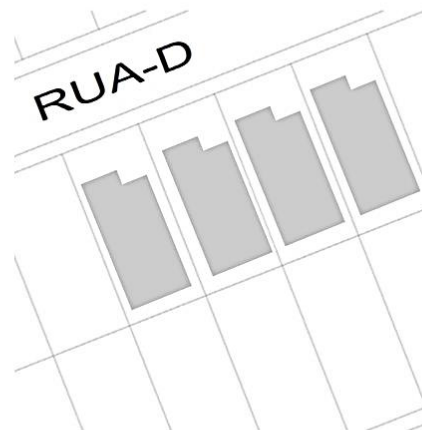
Características

- Encontram-se distribuídos na região mais recente;
- Configuração da quadra fechada; com ruas largas; sem arborização;
- Lotes com testadas de 8 m;
- Lotes com recuos;
- Uso predominantemente residencial;
- Padrões construtivos homogêneos.

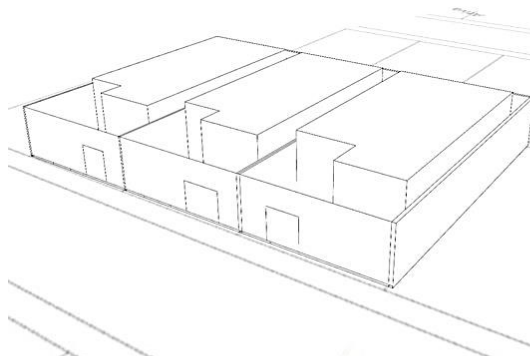
Ilustração



Tipo 3 - Perfil fundiário.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 3 - Implantação.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 3 - Perspectiva.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 3 - Fachada.
Foto: Ana Lúcia Santos, 2021.

Tipo 4

Características

- Encontram-se distribuídas na região mais recente da cidade;
- Configuração da quadra fechada; com ruas largas; sem arborização; traçado regular;
- Lotes com testadas com 8 m;
- Edificação no centro do lote, com recuos laterais, frontal e de fundos;
- Uso exclusivamente residencial.
- Padrões construtivos homogêneos.

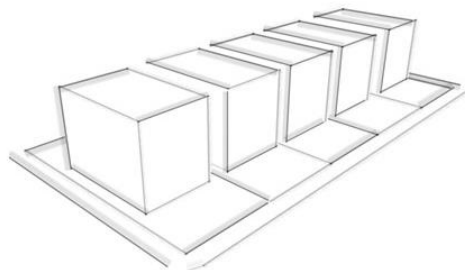
Ilustração



Tipo 4 - Perfil fundiário.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 4 - Implantação.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021.



Tipo 4- Perspectiva.
Desenho: Ana Lúcia Santos, 2021



Tipo 4 - Fachadas.
Foto: google Earth, 2019

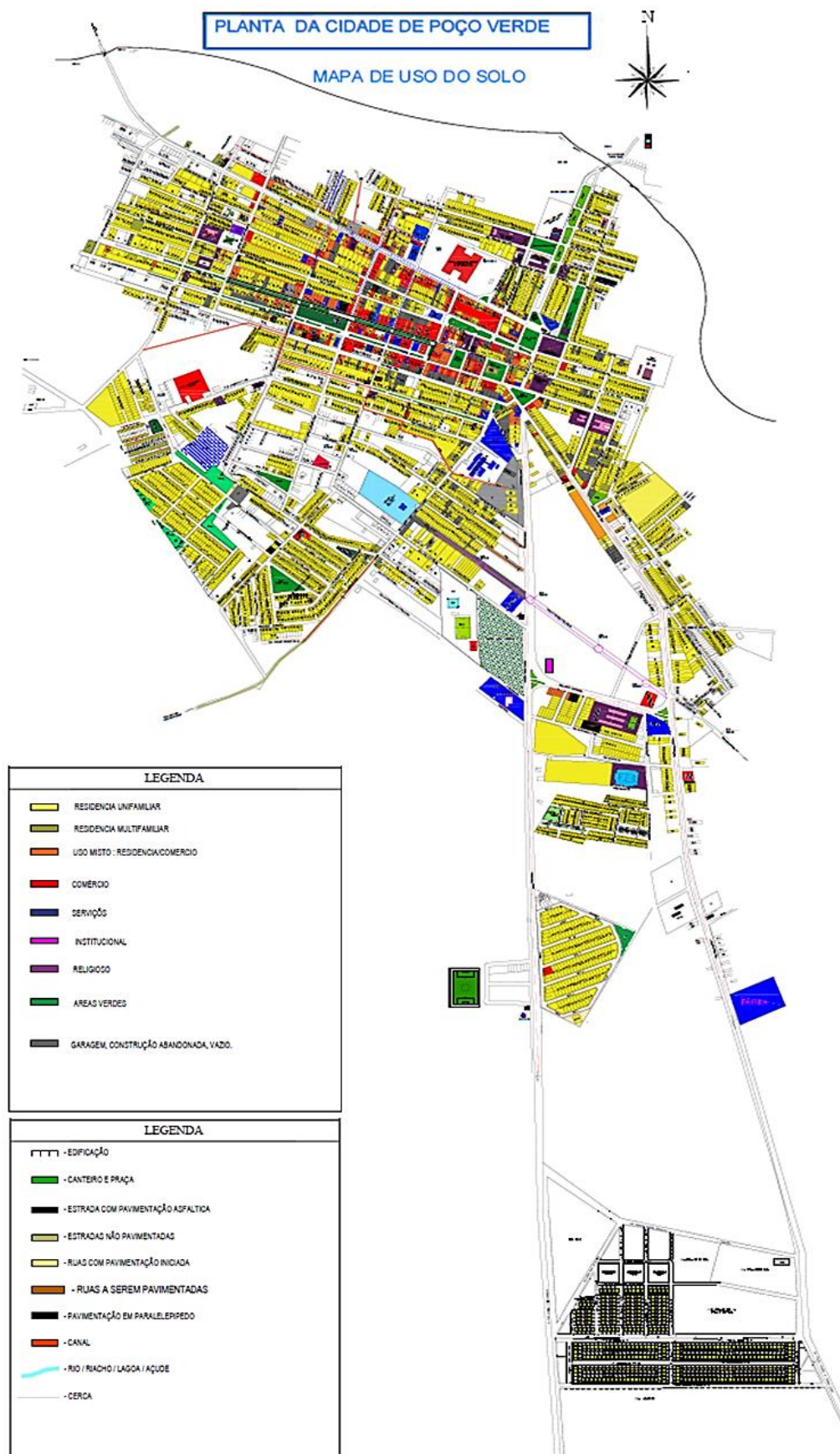
- **Dimensão Urbana - Na escala do bairro**

A aplicação da metodologia na cidade de Poço Verde/SE, contemplou a análise da forma física, e dos padrões de parcelamento, apresentados a seguir em forma de mapas e textos analíticos:

O mapa apresentado reflete a dinâmica diferenciada de usos e fluxos da área ao compararmos a ocupação mais antiga e a mais recente. Analisando-se os usos, apenas na área central encontramos uso misto e comercial, que se desenvolvem ao longo da Avenida Epifânio Doria e Avenida Capitão José Narciso, vias coletoras. Além da Avenida São José, Avenida Tobias Barreto e Avenida Simão Dias, vias arteriais que ligam os bairros e respectivamente as estradas que dão acesso a BA 393, SE 361 e SE 290.

Devido a esta diferenciação de usos, os fluxos também se divergem, a área mais antiga, central a cidade, é constituída essencialmente por duas vias coletoras que redistribui o trânsito pela cidade, elas ligam as três vias arteriais as vias locais. Essas principais vias possuem uma maior dinâmica no uso do solo, com usos comerciais, mistos e residenciais. Nas novas ocupações, mais afastadas ao centro, percebe-se uma diferença do traçado, que são característicos de conjuntos habitacionais e possuem um uso essencialmente residencial (figura 17, p.54)

Figura 17 - Mapa de uso do solo



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017. Editado pela autora.

- **Dimensão Territorial – Na escala da cidade**

O mapa de figura e fundo ou Nolli (figura 18), mostra a diferença de adensamento construtivo, ao nível do térreo entre a área de ocupação e as características dos desenhos das quadras, possibilitando a identificação do tipo de traçado e posteriormente a identificação das áreas mais recentes ou não, além da densificação do uso do solo.

Figura 18: Mapa Nolli ou figura fundo



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017. Editado pela autora.

3.3 Os elementos morfológicos

A aplicação da metodologia na cidade de Poço Verde/SE, contemplou a análise dos elementos morfológicos, na escala da rua, do bairro e da cidade e os tipos edilícios resultantes, nos possibilitando compreender a dinâmica urbana. Como todo elemento morfológico, os constituintes do espaço urbano, de acordo com a maneira que são organizados e posicionados, acabam por gerar desenhos diversos.

- O Solo:

Segundo Lamas (2017), “é a partir do território existente e a da sua topografia que se desenha ou constrói a cidade”. O perímetro urbano da cidade de Poço Verde, apresenta uma superfície plana e pouco acidentada.

Figura 19 – Vista Aérea de Poço Verde/SE



Fonte: Sergipe visto de cima, L2 News - Rede Regional de comunicação.

Contudo, a leitura do solo não pode restringir-se apenas em seus aspectos naturais, mas também a forma em que é tratado: divisão do espaço e pavimentos (...). O pavimento é um elemento de grande importância no espaço urbano, com tudo de uma grande fragilidade e sujeito a inúmeras mudanças (LAMAS, 2017).

Em seus aspectos físicos, na forma em que esse é tratado, apresenta as seguintes características:

- Nas calçadas, o tipo de pavimento usado na maioria das vezes é feito com cimento ou com piso antiderrapante.
- Nas vias são utilizados asfaltos e paralelepípedos. Possuem uma largura que varia entre 6 e 7m.
- As calçadas em sua maioria não apresentam acessibilidade. Possuem uma largura entre 1,20m e 1,50m.

Figura 20 - Elemento Morfológico (O Solo).



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, Imagens Google Earth, 2017.

Editado pela autora.

- Os Edifícios:

É através dos edifícios que se constitui o espaço urbano e se organizam os diferentes espaços identificáveis e com “forma própria”: a rua, a praça, o beco, a avenida, etc. Os edifícios agrupam-se em diferentes tipos, decorrentes da sua função e forma. Esta interdependência é um dos campos mais sólidos em que se colocam as relações entre cidade e arquitetura (LAMAS, 2017).

O Espaço urbano depende da tipologia edilícia e de seu agrupamento, determinando essa, a forma urbana, em uma relação dialética, a forma passa a condicionar a tipologia edificada.

Logo, a forma urbana é resultado, e concomitantemente, gerador do tipo edificado. Embora a cidade de Poço Verde apresente uma horizontalidade em sua extensão, com edifícios que possuem pouca variação de pavimentos. Entretanto, a cidade já apresenta características distintas em residências, através das suas fachadas, que configuram um novo olhar sobre o indivíduo e a rua, e a sua relação com o seu bairro. Estes aspectos foram abordados no item que se refere ao tipo-morfológico.

Nesse momento, busca-se entender o aglomerado desses edifícios e a sua forma de adensamento no perímetro urbano, mostrando através do mapa de figura e fundo, os vazios existentes e o espaço construído. O mapa de Nolli (figura e fundo) (Figura 18, p.55) permite, através da técnica de cheios e vazios, uma maior compreensão da área estudada e suas análises, como a malha viária, tipologias e parcelamento.

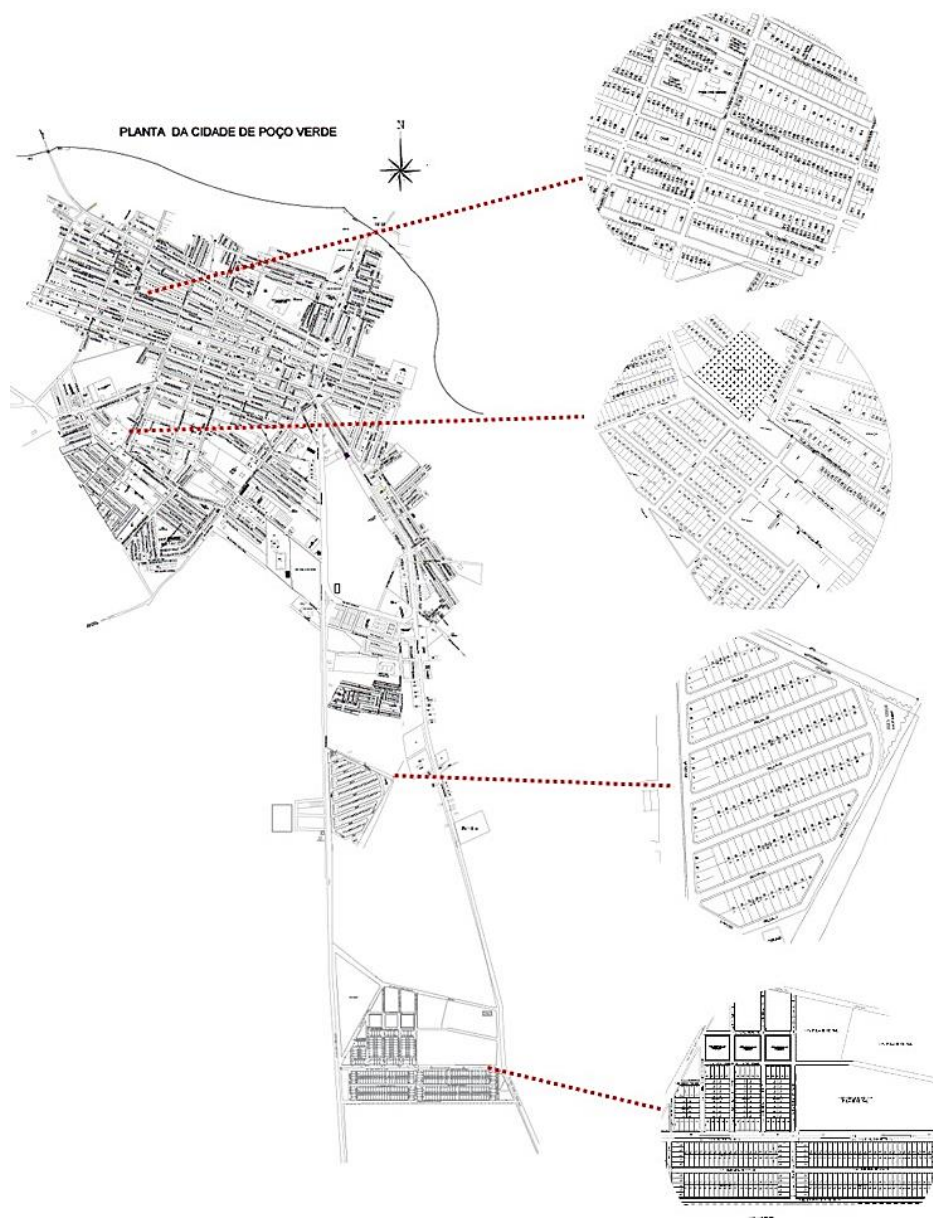
O mapa de figura e fundo da cidade de Poço Verde/SE, (Figura 18, p.55) apresenta os espaços construídos, os espaços não construídos e a malha viária. Através da leitura da (Figura 18, p.55) é possível inferir que a cidade se encontra fragmentada ao sul, com vazios urbanos existentes e um crescimento respectivamente fragmentado. Ao Norte, encontra-se um limite de crescimento, caracterizado por um limite geográfico entre os dois Estados, Sergipe – Bahia. Porém, apresenta uma pequena povoação pertencente ao estado da Bahia, o povoado Bonfim. Na área central a cidade, apresenta uma maior densidade construtiva e nas franjas ao leste, caracteriza-se por espaços com uma menor fragmentação, porém com menor infraestrutura e conseqüentemente, uma menor especulação imobiliária se compararmos ao sul.

- O Lote e o quarteirão

É um conjunto de edifícios agrupados entre si em um sistema fechado e separado dos demais (...) o quarteirão agrega e organiza os outros elementos da estrutura urbana: o lote e o edifício, o traçado e a rua, e as relações que estabelecem com os espaços públicos, semi públicos e privados (LAMAS, 2017).

A forma do lote condiciona tanto a urbanização, quanto o objeto arquitetônico, e ainda é condicionador da divisão entre espaços públicos e privados.

Figura 21 - Lotes e quarteirões



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017. Editado pela autora.

A (Figura 21) apresenta quatro áreas com características distintas, através da leitura e observação dos desenhos dos lotes e quarteirões, é possível inferir as peculiaridades de cada área. Na primeira área (central a cidade) percebe-se que os lotes são maiores em seu comprimento, assim como o tamanho dos quarteirões. A segunda área, caracteriza-se principalmente pelos quarteirões, que ao compararmos com a primeira área, distingue-se em seu comprimento. As duas últimas áreas apresentam um traçado característico de conjuntos habitacionais recentes, por estar em uma área que apresenta vazios urbanos, é possível inferir que os loteamentos foram construídos sem precisar se moldar ao entorno construído, como é o caso da segunda área. Além disso, apresenta quarteirões e lotes maiores, por apresentar recuos frontais, laterais e de fundo. Aspectos que são característicos de uma legislação mais atual.

- A Fachada

A relação do edifício com o espaço urbano processa-se pela fachada que exprimem as características distributivas, o tipo de edifício, as características e linguagem arquitetônica, um conjunto de elementos que irão moldar a imagem da cidade. É a relação direta do edifício com o espaço urbano, e sua comunicação com o exterior, pois exerce a transição do espaço coletivo com o privado e a expressão das características funcionais e linguísticas (estética de sua época) ao ambiente urbano, e o grande cenário do espaço público (LAMAS, 2017).

A (figura 22, p.61), apresenta as características das fachadas em diferentes pontos da cidade, percebe-se as diferenças tipológicas e remete até mesmo o tempo de cada uma delas, caracterizando as áreas mais antigas e as áreas mais recentes da cidade. Além disso, a forma da fachada também estabelece a relação de permeabilidade entre o espaço privado e a rua, possibilitando compreender as relações existentes em cada bairro. Desde o fluxo de pedestres, até mesmo as relações de proximidades que se estabelecem entre os vizinhos. Nas cidades de pequeno porte, principalmente no estado de Sergipe, observa-se que há uma relação entre os moradores e a calçada, como ponto de encontro para conversas no final da tarde, a “cadeira na porta da rua”.

Essas relações acontecem devido a permeabilidade da fachada e a rua, porém observa-se que há uma mudança no estilo tipológico das construções mais recentes, como é o caso dos mais recentes conjuntos habitacionais, que se encontram ao sul da cidade. Essas novas características proporcionam uma leitura diferente do espaço, principalmente no que diz respeito a permeabilidade das fachadas e consequentemente ocasionam uma relação diferente entre o pedestre que transita pelo bairro e se sente menos seguro, e o morador que devido aos muros altos e portões fechados acaba perdendo o contato visual com o que acontece na área externa. Além disso, surge uma nova relação de espaços, que não proporcionam uma vivência com a calçada e a rua em termos visuais, como também uma distinção de áreas em relação aos fluxos de pedestres. Para mais aprofundamentos sobre os aspectos da paisagem urbana, vale ressaltar a importância dos estudos produzidos pelos arquitetos Gordon Cullen e Kevin Lynch.

Figura 22 - Fachada



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE. Imagens, google, 2017.

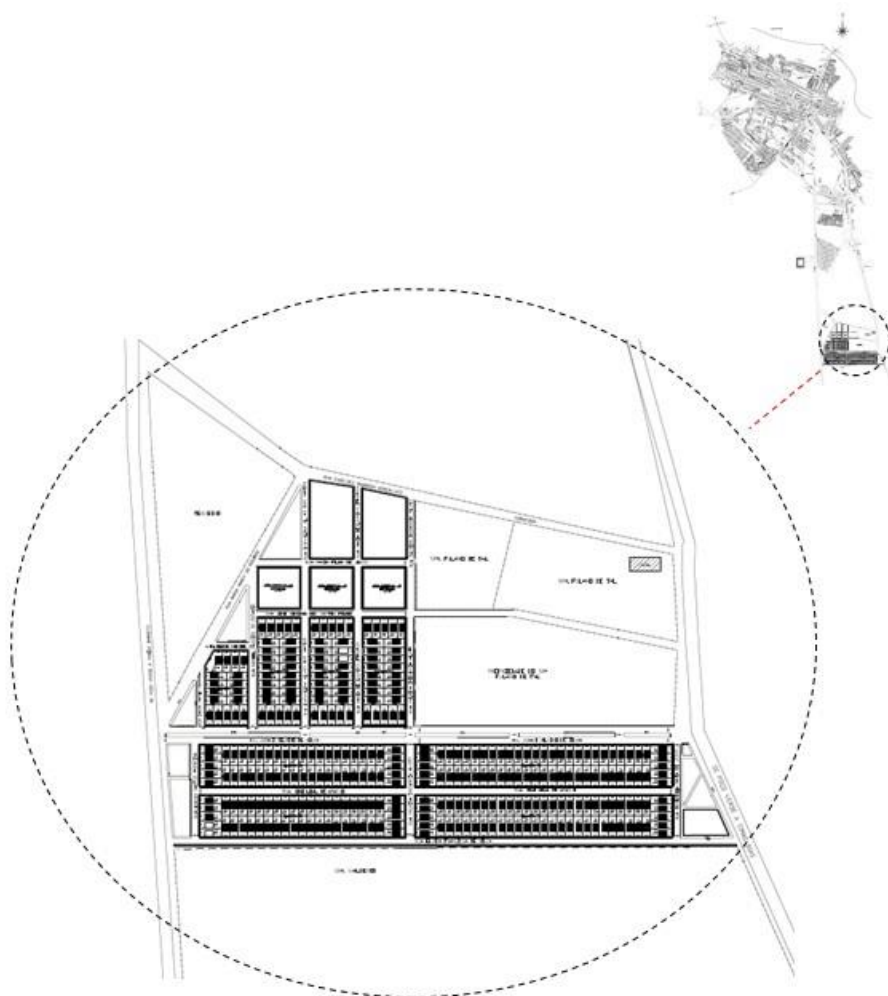
Editado pela autora.

- O Logradouro

Segundo Lamas (2017), o logradouro constitui o espaço do lote não ocupado (...) através da utilização do desenho do logradouro que se faz parcialmente a evolução das formas urbanas do quarteirão até o bloco construído. No Brasil, o logradouro é definido como a rua, porém, faz-se importante esclarecer que nessa análise, o logradouro é a parte não construída dentro do lote, ou seja, onde não há projeção.

Na (figura 23) observa-se que nas áreas construídas mais recentemente, a construção não ocupa totalmente o lote, tendo recuos laterais, frontais e de fundo.

Figura 23 - Logradouro



Fonte: Recorde da Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017.
Editado pela autora.

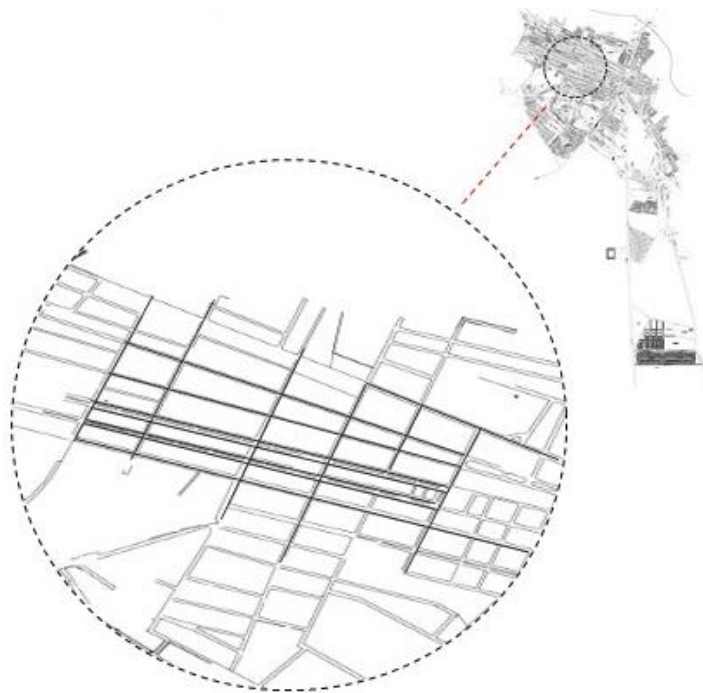
- O Traçado e a rua

Assenta um suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e partes da cidade, e confunde-se com gestor criador. O traçado estabelece relação direta de assentamento entre cidade e território. É o traçado que define plano, intervindo na organização urbana a diferentes dimensões (LAMAS, 2017).

A malha ou traçado urbano é uma planta da cidade representada pelo seu sistema viário e os espaços, podem ser classificadas como: malha linear, malha reticulada e malha radial. Relaciona-se diretamente com o crescimento e a expansão urbana, de modo hierárquico, em função de sua ordem de importância da mobilidade de bens, pessoas e ideias.

Os padrões de traçados viários urbanos existente na cidade de Poço Verde estão classificados em: xadrez - Descrição típica: malha regular em grelha; vias dispostas de forma paralela e ortogonal com ângulos iguais a 90°, ou próximo, marcadas pela continuidade. Quarteirões retangulares, cujas quadras possuem dimensões variadas (Figura 24).

Figura 24 - O traçado e a rua.



Fonte: Recorde da Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, 2017.
Editado pela autora.

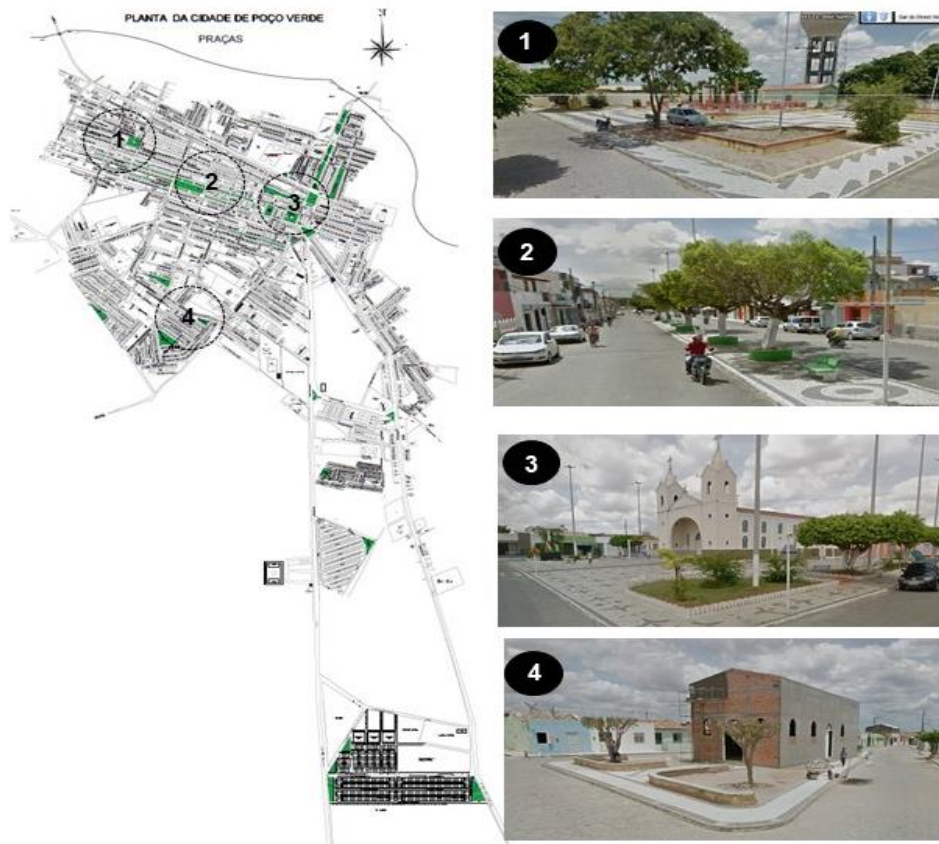
Possui uma malha reticulada: formada por feixes paralelos de vias e que ocupam uma área maior caracterizada como ortogonal e regular. A cidade apresenta um traçado geométrico regular, com ruas diretas e perpendiculares.

A malha urbana atende aos cidadãos em termos de infraestrutura viária, as ruas são consideravelmente largas e possuem pavimentação em quase sua totalidade. Porém, a construção de conjuntos habitacionais em áreas mais afastas ao centro da cidade (figura 24, p.63). Provoca excessivos deslocamentos da população, principalmente por que a área central é onde se concentra a maior parte dos serviços.

- A praça/ o monumento/ a árvore e a vegetação/ mobiliário urbano

A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou com influências de traçados. Enquanto o traçado é o elemento de mobilidade nas cidades, a praça é seu ponto de encontro e permanência, e são desenhadas para exercer tal função (LAMAS,2017).

Figura 25 - As praças.



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, Imagens Google Earth, 2017.
Editado pela autora

- O monumento

É um fato urbano singular, o elemento morfológico individualizado pela sua presença, configuração e posicionamento na cidade e pelo seu significado. O monumento desempenha um papel essencial no desenvolvimento urbano, caracteriza a área ou bairro e torna-se polo estruturante da cidade. Além disso, caracterizam a imagem da cidade, têm individualidade própria, desempenham funções precisas: são elementos de composição do desenho urbano (LAMAS, 2017).

A (figura 26) apresenta a estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade. O monumento encontra-se em frente à Igreja Matriz.

Figura 26 – O Monumento (Estátua de São Sebastião).



Fonte: Imagem, autora, 2017.

- A árvore e a vegetação

Define o espaço completando-o, deixando um local mais agradável e contrasta com a arquitetura da cidade. São elementos que mesmo não possuindo a mesma permanência que os elementos edificáveis, são capazes de caracterizar a imagem da cidade, conferindo características próprias a forma urbana. Além de imprimir imagem própria a forma urbana, fortalece os aspectos qualificativos do ambiente urbano. (LAMAS, 2017).

A (figura, 27) traz dois pontos que apresentam arborização em sua linearidade, a avenida capitão José Narciso, a avenida Epifânio Doria e avenida Santa Cruz, apresentam arborização em toda sua extensão, proporcionando um conforto térmico e moldando a imagem da cidade. Além disso, este elemento está presente nas praças existentes na cidade e em alguns pontos em frete as residências.

Figura 27 - A Vegetação.



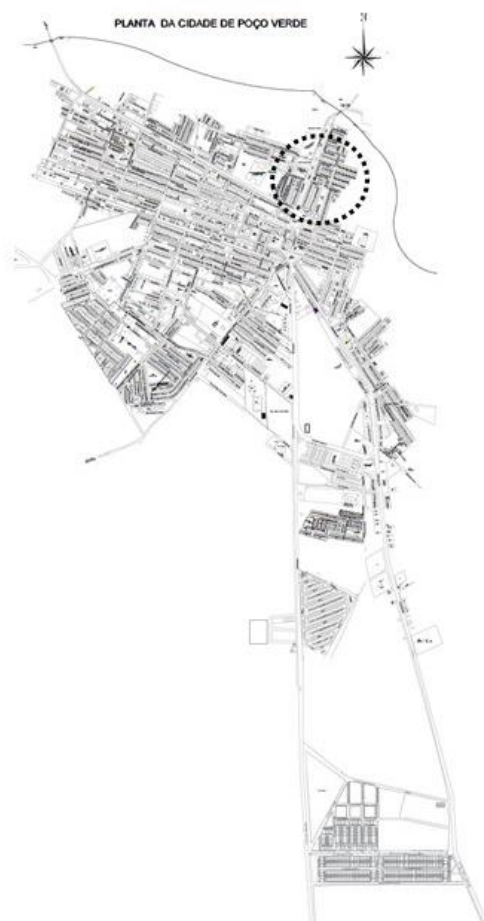
Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Poço Verde/SE, Imagens Google Earth, 2017.
Editado pela autora

- O mobiliário urbano

São elementos da forma urbana, imersos principalmente sobre a escala da rua, responsável por suas razões funcionais e pela qualificação do espaço público. Podem ser esses elementos, desde itens exclusivamente monofuncionais, como lixeiras e assentos, a pequenas construções como abrigos e coretos (LAMAS,2017).

A praça analisada fica no bairro Santa cruz, apresenta em sua totalidade um maior número de mobiliários, comparando-a com as demais. Atende a população tanto em seus aspectos físicos, como também no que diz respeito aos mobiliários urbanos.

Figura 28 - Mobiliário urbano



Fonte: imagens, autora, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou com a finalidade de analisar o processo da urbanização de Poço Verde. A pesquisa explicita que o crescimento da cidade foram tanto fruto dos agentes produtores do espaço, quanto de ações acumulativas engendradas ao longo do tempo. O limite geográfico que estabelece a divisão entre o estado da Bahia e Sergipe (ao Norte), evidência a forma de crescimento da cidade e a sua expansão ao sul.

O trabalho foi marcado pela ausência de informações sobre estas transformações. Os órgãos públicos não possuem, ou não de maneira organizada o suficiente para disponibilizar, os dados, datas, projetos e/ou imagens que seriam importantes para esta análise. Desta forma, a autora reuniu as poucas informações existentes e organizou de forma cronológica.

A ausência de informações, sobre abertura de vias, ocupações e datas, criou imprecisão em alguns pontos do trabalho, além de dificultar uma visão mais consistente do todo. De qualquer maneira, os dados recolhidos foram analisados e somados de forma a caracterizar e explicar este processo.

A partir deste estudo, se abrem as possibilidades de entender um outro lado da cidade de Poço Verde/SE, e perceber o processo de urbanização, através da análise morfológica do espaço. É uma análise que mostra os períodos morfológicos, os tipos morfológicos na escala da rua, do bairro e da cidade (os vazios urbanos, o uso do solo, os tipos construtivos) e os elementos constituintes desses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Flávia Pereira. TANGARI, Vera. **Estudo tipológico sobre a forma urbana: conceitos e aplicações**, 2006.
- CAPEL, Horácio. **Análise Urbana sob a perspectiva de Horácio Capel**. Rio Grande do Norte, 2002.
- CASTRO, I. E. **O problema da escala**. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. Da C., CORREA, R. L. (Org.) **Geografia, conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 117 – 140.
- CORRÊA, Lobato. **Regionalização do Brasil segundo Roberto Lobato Corrêa**, 2001.
- CORRÊA, Lobato. **O espaço urbano**, 2004.
- COSTA, NETTO. **Fundamentos de morfologia urbana**, 2015.
- CONZEN, Michael Robert Günter. **Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis Inst. Br. Geogr.**, Londres, n 27, 1960.
- CONZEN, Michael P. **Thinking About Urban Form, Papers on Urban Morphology, 1932-1998**. Edited by Michael P. Conzen, 2004.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana de Gordon Cullen** uma leitura atualizada em Niterói-RJ, 2006.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- EMDAGRO - Escritório Local de Poço Verde / ASPLAN, 2011, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2000; 2007; 2010;2011;2017;2020.
- IBGE, enciclopédia dos municípios, 2002.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço** – São Paulo: Annablume, 2005.
- LAMAS, José Manuel. **Morfologia e Desenho da Cidade**. 9ª ed.2017.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev, 2006.
- MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana**, 2013.

- OLIVEIRA, Alberlene. **Influência climática no uso e ocupação do solo do município de Poço Verde/SE** / Alberlene Ribeiro de Oliveira; orientadora Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto. – São Cristóvão, 2013.
- PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.
- REGO E MENEGETTI, REGO, Renato Leão; MENEQUETTI, Karin Schwabe. **A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade**. In: Acta Scientiarum Technology, v.33, n.2, p. 123-127, Maringá, 2011.
- ROSSI, Aldo. **Consideraciones sobre la morfologia urbana y la tipologia constructiva**. In: **Aspetti e problemi della tipologia edilizia**. Venezia: Cluva, 1964.
- ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: brasiliense, 1995.
- VILLAÇA, F. **Espaço Intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.